


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

THIERRY GABRIEL VARELA

**ELEMENTOS NÃO-ECONÔMICOS NA  
CONSTRUÇÃO DO MERCADO DO FUTEBOL:  
mito do herói e flexibilização na legislação**



ARARAQUARA – S.P.  
2022

THIERRY GABRIEL VARELA

**ELEMENTOS NÃO-ECONÔMICOS NA  
CONSTRUÇÃO DO MERCADO DO FUTEBOL:  
mito do herói e flexibilização na legislação**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de pós-graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Estado, Sociedade e Políticas Públicas

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Chaves Jardim

ARARAQUARA – S.P.  
2022

Varela, Thierry Gabriel.

Elementos não-econômicos na construção do mercado do futebol: Mito do herói e flexibilização na legislação / Thierry Gabriel Varela, 2022  
77 p.

Orientadora: Maria Chaves Jardim

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022

1. Mercado do futebol. 2. Sociologia econômica. 3. Mito do herói. 4. Transferência de atletas. 5. Futebol I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras II. Título.

THIERRY GABRIEL VARELA

# **ELEMENTOS NÃO-ECONÔMICOS NA CONSTRUÇÃO DO MERCADO DO FUTEBOL: mito do herói e flexibilização na legislação**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de pós-graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de Pesquisa:** Estado, Sociedade e Políticas Públicas

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Chaves Jardim

Data da defesa: 27/06/2022

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Chaves Jardim**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Carlos Gileno**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Silvio Eduardo Alvarez Cândido**  
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

## **AGRADECIMENTOS**

Essa pesquisa só foi possível ser desenvolvida graças à Universidade Estadual Paulista (UNESP) e ao campus de Araraquara – Faculdade de Ciências e Letras (FCLar).

Agradeço ao apoio institucional da Faculdade, assim como o intenso apoio recebido por minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Jardim e ao nosso grupo de pesquisas o NESPOM, em que cada membro participa de forma ímpar na construção de nossos trabalhos de forma coletiva, instigando o debate e nos orientando em direção à ciência.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais por toda a base e estrutura cedidas durante o difícil momento pandêmico por qual passamos – sem elas, seria impossível cumprir nossos trabalhos.

Por fim, agradeço à banca avaliadora, composta por minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Chaves Jardim, pelo Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Carlos Henrique Gileno e pelo Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Bernardo Borges Buarque de Hollanda.

## RESUMO

A dissertação que ora apresentamos, trata da construção social do mercado do futebol no Brasil, buscando identificar elementos não-econômicos que ajudam a fundamentar este mercado. Após coleta e análise dos dados, com inspiração na sociologia econômica, selecionamos duas variáveis para construir nossa argumentação: uma variável de cunho cultural (mito do jogador como herói) e uma variável de cunho social (flexibilização na legislação). Sem negar a possível existência de outras variáveis, acreditamos que essas duas nos ajudam a explicar a alta movimentação econômica desse mercado, sobretudo após os anos 2000. Teve como metodologia pesquisa na internet, já que a pesquisa de campo, na Ferroviária, prevista no cronograma inicial, foi prejudicada, devido à Pandemia de COVID-19 que se iniciou em março de 2020. Após a qualificação, decidimos revisar o sentido da pesquisa, partindo para consultas aos materiais do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

**Palavras – chave:** Mercado do futebol; Sociologia econômica; Mito do herói;

Transferências de atletas.

## **ABSTRACT**

This dissertation deals with the social construction of the soccer market in Brazil, seeking to identify non-economic elements that help to support this market. After collecting and analyzing data, inspired by economic sociology, we selected two variables to build our argument: a cultural (myth of the player as a hero) and a social variable (flexibility in legislation). Without denying the possible existence of other variables, we believe that these two help us to explain the high economic movement of this market, especially after the 2000s. Its methodology was internet research, since the field research, in the Railway, foreseen in the The initial research was impaired, due to the COVID-19 Pandemic that started in March 2020. After qualification, we decided to review the meaning of the research, starting to consult the materials of the CPDOC - Center for Research and Documentation of Contemporary History of Brazil.

**Keywords:** Football market; Economic sociology; The hero myth; Athlete transfers.

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1** Ex-atletas que participam da pesquisa.

26



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1. Referencial teórico-metodológico</b>	<b>13</b>
1.1 A sociologia econômica	13
1.2 A contribuição de Mary Douglas	18
1.3 As analogias.	20
1.4 O pensamento institucional.	22
<b>2. FUTEBOL NO BRASIL: GÊNESE E CONSTITUIÇÃO DE UM FENÔMENO SOCIOLÓGICO</b>	<b>25</b>
<b>3. AS RAÍZES INSTITUCIONAIS DO FUTEBOL</b>	<b>29</b>
<b>4. A PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL</b>	<b>32</b>
<b>5. DADOS DA PESQUISA: JOGADOR COMO HERÓI: VARIÁVEL CULTURAL</b>	<b>34</b>
5.1 Superação e sofrimento	35
5.2 Resignação	36
5.3 Mentalidade vencedora	38
<b>6. EX-ATLETAS VITORIOSOS: NARRATIVAS</b>	<b>43</b>
6.1 Ademir da Guia	43
6.2 César “Maluco” Lemos	44
6.3 Paulo Roberto Falcão	45
6.4 Eduardo Gonçalves de Andrade “Tostão”	46
6.5 Gerson de Oliveira Nunes – Canhotinha de ouro	46
<b>7. CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DO MITO DO JOGADOR COMO HERÓI</b>	<b>47</b>
7.1 A saúde mental do jogador versus mito do herói	49
<b>8. LEI BOSMAN E LEI PELÉ: FLEXIBILIZAÇÃO DE TRANSFERÊNCIA DE ATLETAS</b>	<b>51</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO I -</b> Transcrições das entrevistas dos ex-atletas de sucesso para o CPDOC	<b>60</b>

## APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa realizada em conjunto com minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Chaves Jardim, começou a ser desenvolvido ainda no ano de 2018, quando demos início ao projeto de Iniciação Científica, financiado pela FAPESP, de título “Jogadores de Futebol como trabalhadores do esporte: aproximando aposentadoria e direitos previdenciários a partir da Sociologia Econômica”.

Em nossa Iniciação Científica, nossa tarefa foi investigar as expectativas pós-aposentadoria de uma pequena amostra de ex-atletas que residiam no interior paulista. Notamos ao caminho da pesquisa que os atletas, por terem uma vida profissional curta, não têm a possibilidade de se aposentarem conforme prevê a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Desse modo, fomos a campo, tanto entrevistando ex-atletas, como entrevistando atletas da base da Associação Ferroviária de Esportes, comumente tratada apenas por Ferroviária, e percorremos um caminho que visava responder quais as garantias que os atletas têm para garantir sua segurança e estabilidade financeiras e quais são as estratégias de sobrevivência ao fim da vida ativa no esporte. Além da base sólida que construímos no campo, ainda recorremos à Lei Pelé e outras leis que regulam o trabalho do esportista no Brasil, de modo a compreender as regulações normativas que guiam a vida dos trabalhadores do esporte.

O trabalho de Iniciação Científica nos permitiu expandir horizontes. Notamos que a vida do atleta e do ex-atleta se sustentam em algumas jornadas e em algumas histórias que ajudam a fundamentar o seu trabalho e a existência dele. Com base na literatura, desenvolvemos o conceito do jogador como herói para compreender os motivos que levam esses atletas, quase que integralmente mal remunerados e pouco prestigiados, a persistir em atuar em uma profissão que tem a desigualdade como norte, como apontam os dados expostos em nossa pesquisa subsequente.

Assim, notamos que existem elementos para além do mundo econômico que guiam a carreira e, não só isso, mas que formam a mentalidade de um atleta que escolhe praticar futebol. O jogador como herói, o heroizamento do atleta, é algo que nos aprofundamos nessa dissertação de mestrado.

Cabe a nós, também, expressarmos a dificuldade que tivemos durante a pandemia de COVID-19 de estar com atletas e de produzir material em campo, por isso, nos aproveitamos do material que a imprensa nos oferece para produzir boa parte do trabalho. Ainda, utilizamos os materiais existentes no CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, de modo a termos acesso as entrevistas de ex-atletas de décadas passadas. Também utilizamos nossos conhecimentos precedentes para desenvolver e trabalhar com os dados (nossa atuação na Iniciação Científica e a experiência do pesquisador no meio do futebol entre os anos 2017 e 2021).

## INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais praticado no país; há cerca de 30 milhões de pessoas interessadas nesse esporte e 500 times profissionais disputando campeonatos sob a legislação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (ZANVIANI, 2017).

Como parte do processo, o mercado produzido pelo futebol mundial está, ano após ano, em constante movimentação, e tem cada vez mais relevância em termos de valores monetários. Esse mercado é constituído de diversas fontes de lucros, tais como o mercado publicitário, venda dos jogos para as redes de televisão, investimento na bolsa de valores e streaming e pay-per-view.

Isso sem esquecer o mercado imobiliário para a construção de estádios e infraestrutura para a realização de jogos e grandes eventos, o que ficou em evidência no Brasil, durante a construção e reforma de estádios para as Olimpíadas, de 2016 e a Copa do Mundo, de 2014. As obras foram realizadas pelo Estado brasileiro, a partir do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) (JARDIM, 2015).

Além disso, a venda de materiais esportivos, como uniformes e chuteiras, também é uma grande fonte de renda para clubes e patrocinadores. Por fim, não podemos esquecer os lucros resultantes das transferências de jogadores ao redor do mundo, especialmente na Europa, equivalente a 31 bilhões de reais (VARELA, 2020).

No Brasil, os números são menos expressivos do que os do mercado europeu; porém, não podemos dizer haver um baixo montante em movimentação de dinheiro no país, mesmo quando nos referimos apenas às transferências de jogadores. Um levantamento feito pela CBF e pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), em 2016, indica uma movimentação de R\$ 311.421.250,00 recebido pelos clubes brasileiros, resultante de 614 transferências de atletas. E esses números aumentaram consideravelmente após os anos 2000, com a regulação das leis que flexibilizam o mercado do futebol. Em 2019, a FIFA contabilizou o total de 984 atletas que deixaram o Brasil, colocando o país como o primeiro do ranking de exportação de jogadores, gerando um mercado que, só em transferências, alcança cifras próximas a US\$ 371 milhões.

Considerando o futebol como um objeto de estudo sociológico, a presente pesquisa de mestrado tem como objetivo identificar elementos não-econômicos que ajudam a fundamentar este mercado. Nosso argumento é que o mito do jogador, como herói, permite uma romantização deste esporte, gerando uma alta oferta de jogadores,

que muitas vezes trabalham em condições sub humanas; e que a flexibilização da legislação que trata das transferências de atletas, leva a dinamização desse mercado. As duas variáveis juntas, ajudam a explicar o funcionamento deste mercado. Inspira-se na sociologia econômica e teve como metodologia pesquisa na internet e consulta aos dados existentes no CPDOC.

Além dessa Introdução e da Conclusão, o texto de dissertação está dividido em três sessões; na próxima, apresentamos o marco teórico que inspira essa pesquisa; em seguida, apresentamos o futebol como fenômeno sociológico; finalmente, na terceira seção, apresentamos os elementos não-econômicos identificados na pesquisa – mito do herói e flexibilização do marco jurídico no que se refere às transferências de jogadores.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

### 1.1 A Sociologia Econômica

A contribuição central dessa pesquisa são os pressupostos da sociologia econômica, disciplina que considera que todo mercado está enraizado no social. Nesse sentido, nosso argumento central é que o mercado do futebol no Brasil, não se consolida em um vácuo social, variáveis culturais e sociais ajudaram a explicar o seu funcionamento. Como variável cultural, consideramos o mito do jogador como herói; como variável social, consideramos o aparato jurídico, especialmente no caso da transferência de atletas. A seguir, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre o estado da arte da disciplina, de forma a localizar nosso leitor sobre nossa referência metodológica.

A Sociologia Econômica, disciplina que tem sido reivindicado a partir dos anos 1970 (JARDIM; CANDIDO, 2019, p. 1) pelos chamados “sociólogos da economia”, conseguiu unir e manejar as literaturas produzidas nas ciências econômicas e nas ciências sociais, principalmente a sociologia. Segundo Abramovay (2004, p. 10), a “economia é a ciência que explica como os indivíduos fazem escolhas, enquanto a sociologia se dedica a mostrar que eles não têm escolha nenhuma a fazer”, já que suas escolhas estariam condicionadas por variáveis culturais, políticas, sociais, simbólicas. Portanto, o consenso nessa disciplina é que a economia estaria enraizada em elementos não-econômicos. Com uma característica sobretudo empírica, os sociólogos da economia mapeiam variáveis não econômicas que ajudam no funcionamento de um mercado<sup>1</sup>.

Neil J. Smelser e Richard Swedberg (2005), dois dos grandes nomes da Sociologia Econômica contemporânea tem como um dos seus trabalhos, a historicização da Sociologia Econômica. Realizamos a leitura desses autores para construirmos uma estrutura básica de conhecimento da disciplina, retomando desde a sua origem até a contemporaneidade. Os autores analisam as obras de Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim, Talcott Parsons, Georg Simmel, Carl Menger, Joseph Schumpeter, Marcel Mauss, Karl Polanyi, Viviane Zelizer, Pierre Bourdieu, Neil Fligstein e outros nomes importantes do campo científico.

A Sociologia Econômica, segundo os autores, ganha notoriedade acadêmica e

---

<sup>1</sup> O NESPOM - Núcleo de estudos e pesquisa sobre sociologia econômica implantado na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, sob a liderança da professora Maria Jardim, é uma referência na sociologia econômica brasileira e possui uma agenda de pesquisa que passa por diversos mercados: mercado da morte, mercado das armas de fogo, mercado do amor e do casamento, mercado da construção civil, mercado das plantas ornamentais, mercado a partir das redes sociais (*Instagram*, sobretudo), mercado da música, dentro outros. É nessa agenda de pesquisa que o mercado do futebol se localiza.

intelectual no último quarto de século XX. Entretanto, as origens da disciplina datam do final do século XIX, a partir das grandiosas obras de Weber e Durkheim. A disciplina tem como objetivo aplicar a perspectiva sociológica ao fenômeno econômico e isso acontece por diversas perspectivas, a depender da escola teórica do autor, que pode variar de acordo com sua formação.

Raud-Mattedi (2005), um importante nome da disciplina no Brasil, procura demonstrar e resgatar as reflexões pioneiras de Émile Durkheim e Max Weber acerca do conceito de mercado, sem a pretensão de discutir rupturas e continuidades entre os novos e velhos quadros da sociologia econômica. Entretanto, faz contraponto ao sociólogo Richard Swedberg, demonstrando os papéis de Weber e Durkheim no processo do estudo sociológico de construção social dos mercados, que culminaram com o surgimento da sociologia econômica no último quarto do século XX, mais precisamente na década de 1970.

Max Weber, em *Economia e Sociedade*, trata a construção das instituições que regulam o mercado, e oferece material para o conteúdo da sociologia econômica. Na obra, a partir de tipologias e tipos ideais, Weber explica que o mercado pode ser regulado de quatro formas diferentes: tradicional, convencional, jurídica ou voluntária, adiantando a temática que será muito debatida dentro dos estudos da sociologia econômica contemporânea. Ainda, para Weber, mercado pode ser definido como um ambiente em que há pluralidade de interessados que competem por oportunidades de trocas de bens de consumo. E criticamente, compreende que a noção de mercado vista pelos economistas ortodoxos, é revestida com uma noção de ausência da questão temporal, ignorando a história, processos e construções passadas.

Émile Durkheim compreende o mercado como uma instituição de trocas de bens. No livro *Sobre a divisão social do trabalho* desenha os principais argumentos que vão inspirar os sociólogos da economia contemporâneos. Em sua obra, o mercado, enquanto fenômeno econômico, é tratado como um fato social. Em Durkheim o mercado também é visto como um importante componente com o papel de socialização na divisão do trabalho, sendo uma espécie de ‘liga’ da sociedade, gerando coesão. Para ele, o mercado que os teóricos marginalistas defendem, é passível de críticas, pois não prevê regras previamente estabelecidas e não está desenraizado do meio social, como acreditam. Em Durkheim, a instituição Mercado é uma das instituições que regulam a vida social e só se constrói a partir de regras previamente acordadas pelos costumes morais e comportamentos enraizados, dando ênfase a dimensão temporal que é ignorada pelos marginalistas. Um tema durkheimiano que interessa aos sociólogos da economia contemporâneos, presente no livro *A divisão social do trabalho*, é aquele que trata dos elementos não contratuais do contrato. Para Durkheim, os

elementos não-contratuais são os elementos culturais, em suas palavras, “elementos morais” que fundamentam os contratos mercantis. Durkheim não é uma referência que fundamenta nossa pesquisa sobre o mercado do futebol, mas fazendo uma breve relação, os elementos não contratuais do contrato dos quais falam Durkheim, podem ser considerados, em nossa pesquisa, como o mito de herói que existe em torno do jogador. Esse mito acaba gerando o interesse de jovens pelo futebol, que trabalham muitas vezes em condições sub-humanas. Por outro lado, a legislação trabalhista parece não acompanhar as necessidades da profissão. Afinal, heróis não adoecem.

O grande embate teórico da disciplina é contra as filosofias neoclássicas e utilitaristas, que fabricaram a ideia utópica de homo economicus. Os economistas de orientação ortodoxa, que defendem que os seres humanos estão desenraizados do social, que fazem uso de uma racionalidade do tipo homo economicus (custo e benefício), são definidos pelos sociólogos da econômica como mainstream, no sentido que estão no topo hierárquico da economia e possuem o poder de prescrever como a econômica deve funcionar. Os economistas ortodoxos, provenientes de escolas de economia de orientação monetarista (Loureiro), compreendem o fenômeno econômico como algo isolado das redes sociais, tendo que ser separado e analisado de forma distante dos fenômenos sociais. No Brasil, essa formação se localiza na PUC-Rio e na FGV-São Paulo, sobretudo. (Loureiro, Jardim, 2018).

A Sociologia Econômica enfrenta a economia ortodoxa em seus debates, com o argumento de que a economia é algo enraizado nas redes sociais e não pode ser analisada como um fenômeno separado do mundo social. A economia está presente na sociedade e deve ser analisada como produtora de sentido. Desse modo, a Sociologia Econômica compreende que para entender o fenômeno econômico, é necessário que se compreenda as instituições e as estruturas sociais, as normas, os valores e as interações dos campos sociais. Para se contrapor mais uma vez a Economia, a sociologia econômica prioriza a “mão suja” (trabalho de campo) em detrimento da “mão limpa” da economia. Fundamentada em seus modelos matemáticos.

Polanyi e Granovetter estão na vanguarda do movimento intelectual da sociologia econômica. O primeiro é, sem dúvidas, um dos grandes influenciadores das origens da disciplina, enquanto o segundo é um dos maiores nomes, na contemporaneidade, da já consolidada disciplina. Os dois autores são responsáveis pela existência de dois projetos intelectuais distintos na sociologia econômica, principalmente ao trabalharem o conceito de enraizamento (Krippner; Alvarez, 2007).

Os sociólogos da econômica se inspiram na tese clássica de Polanyi (1980), para quem



o econômico está enraizado na vida social, de modo a demonstrar que a separação entre o social e o econômico é um projeto utópico propagado pelos liberais e utilitaristas.

Para o autor, o liberalismo econômico interpretou os fenômenos causados pela Revolução Industrial de forma errônea. A filosofia liberal, para o autor, cometeu um erro crasso ao analisar e compreender o problema da mudança. O autor argumenta que o processo de produção e de distribuição econômicos estão ligados a interesses de natureza social. Em uma economia de mercado, como teorizada pelos intelectuais utilitaristas e liberais no século XIX, o sistema social como um todo, tem de se organizar para viver sob a égide dos conceitos fundamentais do mercado autorregulável, fenômeno esse que, segundo Polanyi (1980), nunca ocorreu na história da humanidade. Portanto, considerando a experiência histórica do fim do século XIX e começo do século XX, Polanyi afirma que o projeto de uma economia de mercado desenraizada é um projeto impossível de ser alcançado:

Nossa tese é que a ideia de um mercado autorregulável, implicava uma rematada utopia. Uma tal instituição não poderia existir em qualquer tempo sem aniquilar a substância humana e natural da sociedade; ela teria destruído fisicamente o homem e transformado seu ambiente num deserto (POLANYI, 1980, p. 16).

Inspirando-se em Polanyi, Granovetter (2007) radicalizou o conceito de enraizamento, dando maior ênfase do que Polanyi ao enraizamento do econômico ao social (JARDIM; CANDIDO, 2020). Para o autor, se nas sociedades pré-mercantis o comportamento econômico encontrava-se enraizado nas relações sociais, nas sociedades modernas a economia torna-se uma esfera diferenciada: as trocas econômicas não são mais definidas por obrigações sociais, mas por cálculo racional, voltado para maximizar o ganho. Ainda, o autor entende que os agentes econômicos também orientam sua conduta por objetivos que não são apenas puramente econômicos, mas sociais, como sociabilidade, reconhecimento, status e poder. Desse modo, Granovetter (2007) afirma - a partir do conceito retirado da obra de Polanyi e de seu estudo empírico sobre o mercado de trabalho nos Estados Unidos- que as ações do agente econômico estão sempre enraizadas em redes sociais.

Nesse sentido, para o autor, não é possível criar um mercado autorregulável completamente desvinculado das demais relações humanas, pois a relação de mercado está completamente enraizada em redes de relações interpessoais (GRANOVETTER, 2007).

A partir de Polanyi, um conjunto de autores reivindicam a existência de elementos não-econômicos na construção de um mercado. Na contemporaneidade, um autor que inspira sobremaneira os sociólogos da economia é Pierre Bourdieu, que deixou algumas obras sobre mercado, como, por exemplo, o livro sobre o mercado da casa na França, Estruturas sociais

da economia (2000). Seus conceitos de habitus, campo, espaço social e capitais não-econômicos são fundamentais para se objetivar um mercado, considerado pelo autor para além do econômico, um mercado de bens simbólicos.

Ao reivindicar o mercado como objeto sociológico e aderir nele formas e relações não-econômicas, Bourdieu tem como objetivo a análise das condições econômicas de produção e reprodução dos agentes que atuam no mercado, de modo a conferir cultural e socialmente o significado dos mercado (Bourdieu, 2000).

Bourdieu compreende os fenômenos de mercado analisando-os como campo. Desse modo, identificar elementos políticos, religiosos, culturais e também os elementos econômicos, é o único modo de compreender as interações de mercado (interações relacionais) e os diversos canais que ocorrem as interações sociais de mercado.

Ao compreender a relação de estrutura e habitus (2000), Pierre Bourdieu demonstra que essa relação ocorre dentro do âmbito histórico, compreendido a partir do posicionamento dos agentes no mundo econômico em que agem. Só é possível essa relação a partir de uma forma de estrutura inerente aos agentes, em uma relação particular e historicamente demarcada por condições materiais de existência. Desse modo, o habitus (coletivo ou individual), representa a construção histórica e o conjunto de dispositivos cognitivos que formulam o pensamento.

Encaminhando para o fim, sintetizamos que a Sociologia Econômica possui divergências, mas também alguns consensos entre os engajados na área, sobretudo a crítica ao homo economicus e o argumento que todo mercado está enraizado no social. Trata-se de um campo que ganha folego nos anos 2000, com a consolidação do capitalismo financeiro e que tem conquistado muito espaço e legitimidade nos meios acadêmicos, especialmente junto aos economistas de orientação não-monetarista, os heterodoxos, cuja formação acontece no Brasil na UNICAMP e na UFRJ, sobretudo (Jardim, 2018).

A despeito das diversas linhas teóricas existentes, os autores da disciplina são engajados no trabalho de campo para argumentar que “os fatos econômicos não ocorrem em um vazio, mas dentro de um marco social, composto por relações sociais variadas” (GRANOVETTER, 2007), que por sua vez envolvem cultura (ZELIZER, 2011), reciprocidade (MAUSS, 2008), convenções cognitivas (BOURDIEU, 2002; DOUGLAS, 1986), política (FLIGSTEIN, 2001) e performatividade, (CALLON, 1988; STEINER, 2016), dentre outros clássicos da área.

Nessa perspectiva teórica, os mercados não são considerados nem sagrado e nem profano, mas apenas instituições que fazem parte da vida em sociedade, que por sua vez estão

enraizados na cultural, na política, na moral e na cognição de uma sociedade (JARDIM, 2020).

O próximo item será apresentada a obra *Como as Instituições pensam*, de Mary Douglas, fundamental para entendermos como a instituição mercado (e no nosso caso, o mercado do futebol) pensa e constrói uma realidade social.

## **1.2 A contribuição de Mary Douglas**

Nessa pesquisa trazemos para fundamental nosso referencial teórico metodológico, a obra *Como Pensam as Instituições* (1998) de Mary Douglas, obra na qual a caracteriza os aspectos culturais, responsáveis por dar forma às estruturas sociais e cognitivas nas quais o indivíduo está inserido, traçando paralelos e concordâncias com a ideia de construção social dos mercados, da sociologia econômica.

Em *Como Pensam as Instituições*, Douglas realiza um estudo sobre as noções de solidariedade e de como as instituições perpassam por todos os processos de reconhecimento dos indivíduos, com base nas obras de Durkheim e Fleck. O objetivo primário da autora é compreender as categorias de pensamento de como elas são dependentes das formações de corpos institucionais.

As Instituições, segundo Douglas, não pensam por si próprias, não compreendem os seus propósitos e também não se constroem sozinhas, como se fosse uma criação metafísica com bases divinas. Para a autora, os indivíduos pertencentes aos grupos sociais são os agentes responsáveis pela construção dos caracteres institucionais que regulam a vida em grupo. Seu argumento é que as instituições não produzem o próprio pensamento e se constroem por si próprias, mas são capazes de decidir os regramentos e os aspectos formais da vida em grupo. Ao serem construídas, as instituições regulam as regras do jogo que constituem a vida em grupo. Desse modo, Mary Douglas conclui que os indivíduos em crise não tomam por eles próprios decisões de vida ou morte. Eles acionam categorias mentais acumuladas pelas instituições ao longo do tempo.

Para existir em sociedade, são necessários pensamentos e sentimentos em comum entre os membros de um grupo. Para a autora, um grupo de pessoas ou um amontoado disforme e descaracterizado não cria laços sociais que os insiram em uma vida em grupos sociais. Ainda, é impossível construir uma sociedade apenas firmando-se em bases legalistas (DOUGLAS, 2004).

A autora também enfrenta a econômica da filosofia utilitarista para construir seu argumento. Segundo a autora, a filosofia utilitarista tem por pressuposto a ideia de homo

economicus, objetivada na ideia de Adam Smith de que um indivíduo realiza cálculos a todo tempo e realiza as escolhas que são mais adequadas a ele, baseadas no cálculo estritamente racionalizado da economia. Mary Douglas corre na contramão da filosofia utilitarista. Para a autora, com base de pensamento fundamentada em Durkheim, a autora mostra a origem do pensamento individual (Douglas, 2004) e que os indivíduos contribuem intensa e incessantemente para o bem público, defendendo ser impossível fundar uma sociedade civil com bases estritamente utilitaristas.

Durkheim nos evidencia que a vida só é possível quando realizada em grupos e firmada por laços sociais que compõem a sociedade. E, a partir desse pressuposto, a criação de laços sociais são possíveis a partir do momento em que um grupo social tenha formas de ações conjuntas e categorias de pensamento firmadas sobre os mesmos caracteres cognitivos:

Se os homens não acreditam nestas ideias essenciais em qualquer circunstância, se não tem as mesmas concepções de tempo, espaço, causa, número, etc., todo contato entre os seus pensamentos é impossível e, com isso, toda a vida em conjunto (Durkheim apud, Douglas, 2004, p.27)

A ordem social é sacralizada pelos indivíduos, como demonstra Durkheim. Para examinar a solidariedade é necessário observar diferentes formas de sociedade que não dependem somente de troca de serviços especializados e produtos de mercado. Os indivíduos carregam a ordem social em suas mentes, no seu corpo e nos gestos que eles projetam à natureza. E, segundo Douglas (2004), uma divisão avançada do trabalho corrói os aspectos harmoniosos entre a moral, a sociedade e o mundo físico, substituindo-as pela solidariedade dependente do funcionamento da sociedade de mercado.

Em oposição à Durkheim, Douglas traz o biólogo polonês Ludwik Fleck para o debate. Fleck também se debruçou a analisar a ideia de grupo social. Com inovações conceituais como a ideia de pensamento coletivo e estilo de pensamento, Fleck conclui que o indivíduo não está consciente do seu estilo de pensamento o tempo todo; desse modo, ele argumenta que o grupo social do qual o indivíduo está inserido influi diretamente na cognição individual e na formação dos caracteres cognitivos.

Ao compreender as duas obras, Mary Douglas demonstra que Durkheim e Fleck cometem erros que podem comprometer suas teses, erro esse que pressupõe explicações funcionalistas aos dados que analisam. Durkheim, por exemplo, tem como tese central que a religião é que cria os laços sociais solidários nos grupos sociais e Fleck comete o erro de propor que o pensamento coletivo, marcado por uma estrutura geral de pensamento, quando é implicado a se comunicar em um coletivo, corrobora com a estrutura de pensamento.

Ainda, Douglas também observa que existem limitações teóricas na teoria da escolha racional colocada em evidência pela teoria utilitarista, pois, segundo a autora, as pessoas nem sempre agem de acordo com os seus interesses. Um clássico exemplo é o do indivíduo que sacrifica sua vontade em prol de seu grupo, sendo assim ele agiria completamente contrário ao interesse próprio.

O programa de Durkheim e Fleck pode responder ao criticismo funcionalista e ao criticismo da escolha racional apenas com o desenvolvimento de um ponto de vista com duas partes do comportamento social. Uma parte é cognitiva: a procura individual de ordem coerência e controlo da incerteza. A outra parte é transaccional: a utilidade individual a maximizar a actividade descrita num cálculo de custo-benefício. (Douglas, 2004, p.35)

Douglas então entra a partir de agora um outro campo: o papel da cognição na formação dos laços sociais e a rejeição à teoria da escolha racional. Argumenta, ainda, que as mentes humanas produzem conhecimento a partir de analogias.

### **1.3 As analogias**

A questão do conhecimento coletivo deve ser primariamente analisada, segundo Durkheim. Para ele, quando os indivíduos enraízam em suas mentes o modelo da ordem social vigente, é quando o laço social mais elementar da vida em comunidade é formado. E Douglas tem como objetivos, a partir da ideia de Durkheim, demonstrar como o processo cognitivo está presente da fundação da ordem social e como que os processos cognitivos mais elementares da vida social dependem das instituições sociais.

Para David Lewis, as instituições são uma convenção em que as partes que articulam os mesmos objetivos e interesses normativos fecham acordos que possam assegurar a possibilidade de conflito. A parte normativa do carácter institucional é entendida como viável, se os indivíduos que compõem as partes que tem interesse, decidam consensualmente e acordam entrem si através de processos cognitivos construídos na vida social. Assim, “para que uma convenção se torne uma instituição social legítima, precisa de uma convenção cognitiva paralela para a suster”. (DOUGLAS, 2004, p.68)

Nesse sentido, Schotter demonstra que instituições são dispositivos que minimizam dispersões dentro dos grupos sociais. Nas instituições, tudo é dito e tudo está nela, pois estão instituídos as normas e os métodos de se fazer e de se organizar os aspectos centrais da vida em sociedade. Além disso, as instituições carregam em seu corpo histórico toda a informação e conhecimentos úteis para a vida do grupo que a pertence. Schotter demonstra que as forças sociais sempre caminham em direção ao equilíbrio, assim, ele se insere no campo do

funcionalismo contemporâneo, segundo Douglas.

Para Douglas, o objetivo é compreender como que são fundadas as analogias da natureza e muito além disso, compreender como as analogias são acordadas entre membros pertencentes aos grupos sociais.

Para Douglas (1998), se nós compreendemos que as instituições são construídas, firmadas, acordadas e estabilizadas pelos dispositivos cognitivos ao invés de meros dispositivos normativos, também devemos compreender o modo pelo qual se constroem os dispositivos cognitivos que formam as instituições. Loyd acredita que as sociedades primitivas usam como regra a organização dicotômica como formas de relações sociais, organizando e separando os grupos em caracteres opostos e dualistas: sim e não, branco e preto, homem e mulher, etc.

Cada grupo, então, é classificado de um modo. Mesmo que sejam grupos ou coisas parecidas, elas não necessariamente pertencem ao mesmo escopo, como o de classe o gênero. Mary Douglas nos dá como exemplo a diferença que existe entre as classificações científicas e populares para o mesmo objeto e como elas diferem entre si. E, para haver o processo de reconhecimento, uma coisa deve sempre negar a outra, de modo a polarizar e excluir o diferente:

A única actividade que, fora de si, nunca pode ir em direcção de outra, não mais do que as instituições podem evoluir no sentido da organização completa de informação ao começar pelas convenções espontâneas de autopolicimento. (Douglas, 2004, p.85/86)

Analogias estão presentes em todo o mundo social e o próprio padrão social reforça a ideia dessas analogias, ainda mais quando as estruturas das noções de autoridade ou precedentes ao caráter das instituições estão presentes no grupo social. Douglas (1998) compreende que os gestos de classificação, separação e analogias estão inseridos no processo que culmina na construção de como as instituições pensam. Sendo assim, qualquer ato de classificação ou recordação são institucionalizados, pois as instituições criam padrões cognitivos nos indivíduos. Ou seja, ainda que os caracteres cognitivos individuais criam as normas institucionais, as normas institucionais moldam os caracteres cognitivos individuais, como uma relação de troca e puramente dialética.

Com o tempo, as instituições se modificam e se reformulam. O campo institucional reescreve a todo momento a sua história e se adequa ao tempo em que está presente. As instituições podem ser vistas como produto do tempo em que o grupo social que a forma está inserida.

Mary Douglas demonstra que para cada categoria de sistema de organização social diferente, existe um modo diferente de se fazer analogias. As memórias são recordadas a partir de processos diferentes e por questões diferentes:

O discurso continua: quanto mais simples e isoladas são as unidades sociais, mais simples e fragmentária será a memória pública, com menos indicações e menos níveis de ascensão ao início do tempo (Rayner, 1982). Quanto mais a organização social for um grupo latente, consciente dos problemas organizacionais, pormenorizados no capítulo 3, mais os seus membros vão invocar a história de perseguição e resistência. A sociedade competitiva celebra seus heróis, a hierarquia celebra os seus patriarcas e a seita religiosa os seus mártires.” (Douglas, 2004, p. 109,110)

#### 1.4 O pensamento institucional

É nosso dever reforçar que o pensamento institucional acontece através de analogias dualísticas e opostas entre si. Desse modo, o pensamento institucional nasce quando há um consenso entre o certo e o errado. Foucault, na *Arqueologia do Saber* de 1969, demonstra como o pensamento institucional, ou como os pensamentos que realizam as instituições são capazes de dominar e controlar os corpos de acordo com as noções construídas pelas convenções sociais postar (certo versus errado, preto versus branco, homem versus mulher, hétero versus homo, etc.)

Também devemos frisar que as instituições sistematizam as características inerentes ao indivíduo, como, por exemplo, as memórias e as percepções da realidade e as tornam correspondentes e compatíveis com que o desenho institucional posto pelo grupo social autoriza. Segundo Douglas, as instituições padronizam e formam as emoções:

Se a instituição depender da participação, vai responder à nossa questão frenética: ‘mais participação’, se depender da autoridade, vai apenas responder: ‘mais autoridade!’. As instituições tem a megalomania patética do computador cuja toda visão do mundo é nosso programa. Para nós, a esperança da dependência intelectual é resistir e o primeiro passo necessário na resistência é descobrir como o domínio institucional é colocado sobre a nossa mente. (Douglas, 2004, p.127)

Émile Durkheim e Max Weber, em outro polo, focam seus trabalhos à racionalidade e à ação das ideias relacionadas com as instituições, de modo a compreender o individualismo não só como um princípio social, mas também filosófico. Durkheim tinha interesse em compreender a questão do compromisso com a ordem social (solidariedade ou ação coletiva),

Weber, entretanto, explica o domínio das ideias e ideais particulares do indivíduo na construção e desenvolvimento de novos padrões institucionais.

Durkheim ainda faz uma análise de como as classificações mundanas como projeção daquilo que é construído a partir dos cultos religiosos. Segundo Durkheim, o homem moderno escapou das dominações institucionais. O fato é construído, segundo Douglas, a partir do momento em que o pensamento institucional tem a sua maior vitória e conseguiu passar despercebido em uma sociedade de indivíduos que são regulados a partir de relações sociais baseadas em trocas mercadológicas, a construção do homo economicus. A liberdade oferecida pelo mercado (e um ponto de vista da filosofia utilitarista) nos faz crer que as amarras institucionais estão frouxas e há permissividade para escolher cumprir ou não as regras institucionais, ainda que inconscientemente.

As instituições são responsáveis por tomarem decisões de vida ou decisões de morte. Não é verdade a impressão e que as instituições tomam decisões pequenas, rotineiras e pragmáticas. Construídas em uma base racional e natural, é, junto aos indivíduos que o corpo institucional formará as noções de sociabilidade (as analogias que dão significado à vivência) e, desse modo as instituições vão legitimar a todo momento a sua própria dominação, justificada a partir de uma naturalidade presente no mundo de regras socialmente instituídas e construídas. Como vimos com Evans-Pritchard e Merton, as instituições tomam controle das memórias de seus membros, controlando o esquecimento e as lembranças daquele grupo social. Ainda, são capazes de lembrar como justiça determinadas pelas regras que são efetivas devem ser respeitadas. Em outro escopo, ainda esquecem quando as regras são burladas e não são capazes de serem justas em determinadas situações:

Nesta altura, a questão sobre o relativismo moral torna-se urgente. Terá o argumento cortado a base de baixo de si mesmo? De maneira tosca, o caso é que as opiniões morais são preparadas pelas instituições sociais. É muito raro e difícil para o indivíduo escolher uma posição moral numa base racional individual. (Douglas, 2004, p.160)

A conclusão da obra de Douglas passa por demonstrar que ao invés de uma filosofia da moral, que emprega o agente livre e soberano para escolher como condição máxima e final de sua vida, tenha-se a noção de que seja necessário um agente que precisa se descobrir – não escolher – os fins próprios e os fins do grupo social que vive. Para Douglas, a partir das ideias de Sandel, é possível que se tenha como fim a ideia de uma comunidade que seja construtiva para os meios de autodescoberta individual.



Durkheim e Fleck pensavam que cada tipo de comunidade fosse um mundo de pensamento, expresso no seu próprio estilo de pensamento, penetrando as mentes dos seus membros, definindo a experiência estabelecendo os pólos da compreensão moral. (...) Apenas através da inclinação deliberada e de um esforço extraordinariamente disciplinado, foi possível criar uma teoria do comportamento humano, cuja consideração formal de raciocínio apenas considera os motivos de amor-próprio, e uma teoria que não tem uma maneira possível de incluir uma determinada disposição para a comunidade ou para o altruísmo, muito menos para o heroísmo, excepto como uma aberração. O programa Durkheim-Fleck aponta para um caminho de retorno. (Douglas, 2004, p.170)

Os indivíduos compartilham os pensamentos de forma a harmonizá-los, por isso vivem em grupos sociais. Com efeito, afirmamos que, vivendo em grupo, as regulações institucionais que possam tomar decisões que são impossíveis de serem tomadas por um grupo social de forma homogênea e sem nenhum conteúdo para compartilhar, carregados de vontades individuais e interesses próprios, são uma construção social necessária. As instituições existem para tomar as decisões que indivíduos atômicos e egoístas (no sentido smithiano) não são capazes de tomar, a não ser a decisão de construir as próprias instituições que penetram nos campos sociais que formam a vida.

Diante do referencial teórico apresentado, nas próximas páginas entraremos em nosso tema de pesquisa: o mercado do futebol no Brasil.

## 2. FUTEBOL NO BRASIL: GÊNESE E CONSTITUIÇÃO DE UM FENÔMENO SOCIOLÓGICO

O futebol foi inserido no Brasil no final do século XIX, fruto de tradição inglesa. Há dúvidas sobre quem trouxe o esporte ao país, se seria Charles Muller, que após estudar na Inglaterra teria trazido a prática esportiva para as terras brasileiras, ou se já era praticado anteriormente em escolas e grêmios operários de origem inglesa (PIMENTA, 1997).

Lembramos que o futebol tem sua regulamentação originária em nível nacional na Inglaterra em 1863 (Elias, 1992). Existem dois termos para nos referirmos ao futebol: football, de origem inglesa, que é o termo mais usado ao redor do mundo e com tradução nas línguas portuguesa, alemã, holandesa, espanhola, sueca – com exceção da Itália onde predomina o termo *gioco del calcio*. O segundo termo é soccer, amplamente usado nos Estados Unidos, Canadá e Austrália em decorrência do fato de que americanos, canadenses, e australianos utilizam football para se referir aos jogos praticados por seus cidadãos de origem europeia (Elias, 1992, p. 185). Football, segundo Dunning, é um termo genérico e muito amplo que é usado para se referir a uma gama gigantesca de jogos com bola diferentes como o *association football (soccer)*, *rugby football*, *american football*, *canadian football*, *australian football* e *gaelic football*.

No início, a tradição futebolística era praticada por apenas membros da elite brasileira, predominantemente branca e de origem estrangeira, principalmente inglesa, retomando às origens inglesas do desporto. O futebol foi, posteriormente, ligado às políticas ideológicas higienistas dos anos 1920 e 1930, como uma atividade positiva do corpo, saudável e higiênica, capaz de colocá-lo a serviço da pátria e do futuro (ANTUNES, 2004). Como dito por um dos pilares do movimento de modernização do Brasil, Olavo Bilac, o esporte também seria necessário e fundamental para a ‘higiene social’ destinada a ‘limpar a raça’ mestiça do Brasil (ANTUNES, 2004).

Segundo Pimenta (1997), a popularidade do futebol aumentava com o passar do tempo, e o esporte passou a deixar de ser praticado apenas pela elite e se popularizou pelas camadas baixas, como os imigrantes estrangeiros que vieram ao país e principalmente pela população de origem negra e operária. Sobre a popularização do futebol, Rodrigues Filho (1964) afirma que só podemos falar em sua popularização, a partir da inserção do negro na peleja, argumento compartilhado por Pimenta (1997).

De início, a reação brasileira à prática do futebol foi ambígua (PIMENTA, 1997), já que o desporto trazia um conjunto de regras - datadas e significadas de um processo de revolução industrial, na qual os valores burgueses e capitalistas eram representados no

espírito competitivo -, completamente diferentes da realidade brasileira, em que a política clientelista, a prática do favor, a formação de hierarquias, não só sociais, mas éticas, morais e culturais, eram predominantes.

Por tais características, a busca da profissionalização do futebol foi cercada de dificuldades, tornando-se possível, graças à atuação do trabalho industrial, que levou o esporte para as camadas urbanas. Mais concretamente, a administração dos clubes por negociantes e industriais gerou a possibilidade de o atleta trabalhar na indústria e obter ganhos extras com os chamados “bichos”; e, acima de tudo, adquirir prestígio. (ANTUNES, 2004). Assim, o negro, juntamente com a classe operária, viu no futebol uma possibilidade de ascensão social, o que pode explicar, em alguma medida, a adesão desses grupos sociais ao esporte.

Paralelamente à prática do futebol, surgiram movimentos contrários à adesão do esporte como um caractere nacional, em que intelectuais como Lima Barreto e Graciliano Ramos lideraram a ideia de que o futebol, por ser um esporte de origem inglesa, não deveria ser praticado no país, pois seria um estrangeirismo, sem expressão dos valores nacionais; por outro lado, a prática esportiva nacional, deveria remeter-se aos esportes de origem nacional, como o murro, o cacete e a faca de ponta, como defendeu Graciliano Ramos, que não acreditava no futuro do futebol no Brasil (ANTUNES, 2004).

Conforme Antunes (2004) o futebol conseguiu superar as críticas nacionalistas e se tornou prática nacional, pelos quatro cantos do país, conquistando a população brasileira, desde a elite até as classes baixas; o mesmo autor informa, que o futebol chamou a atenção de jornalistas e políticos, que passaram a vincular esporte com a imprensa escrita e em transmissões de rádios, alavancando a popularização do futebol.

No Governo Vargas, com a criação do CND (Conselho Nacional de Desportos), ocorreu a primeira intervenção estatal relacionada ao futebol e existiram outras nas décadas seguintes: a tradição brasileira de civil law, permitiu que Vargas instaurasse não apenas leis relacionadas aos direitos civis, políticos e sociais, mas também colocou o Estado na função de regular os valores morais e éticos da sociedade - diferentemente das tradições de common law, em que a sociedade forma o Estado e nele implanta as tradições vinculadas à sociedade. Vargas observava no futebol – então um esporte consagrado socialmente no Brasil -, um instrumento político de grande popularidade e passou a interferir diretamente nas administrações dos clubes através do CND.

Portanto, durante o governo Vargas, o futebol foi utilizado como propaganda nacional (ANTUNES, 2004). Da mesma forma, houve investimento na construção de estádios, como

o Pacaembu, em São Paulo, e o Maracanã, no Rio de Janeiro, investimentos esses que mexiam nas economias estaduais, dinamizando a geração de empregos. O auge dessas ações varguistas foi a Copa de 1950, realizada no Brasil, a qual colocou, finalmente, o Brasil no mapa do futebol (ANTUNES, 2004).

A interferência estatal no futebol também foi bastante presente nos governos militares, ganhando força no fim dos anos 1960 e se instaurando de vez nos anos de 1970, com o tricampeonato mundial da seleção brasileira. Nesse contexto, houve um importante agente presente nas ações militares, o então presidente da CBF, João Havelange, o responsável por levar o futebol para todo o país, com a criação do Campeonato Brasileiro de futebol, em 1971 (FRANCISCHINI, 2009).

A organização do Campeonato Brasileiro, de 1971, trouxe ineditismos na maneira administrativa que se conduzia o esporte no Brasil. Houve um processo de modernização de investimento em infraestrutura para sediar o campeonato, como a construção de estádios por todo o país, que garantiria a participação dos clubes no campeonato. Portanto, os clubes e os Estados investiram pesadamente na construção dos estádios, movimentando as economias locais e propagando o regime militar, com a ideia de modernização e geração de empregos.

Por fim, lembramos que o Brasil também sediou a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016, quando igualmente fez investimentos econômicos consideráveis em infraestrutura na área do esporte, gerando emprego e movimentando a economia (JARDIM, 2015).

Nessa síntese bibliográfica é necessário também que salientamos o papel dos torcedores na construção e desenvolvimento do esporte brasileiro. O futebol é um dos poucos esportes que movem multidões no Brasil e, nesse sentido, essas multidões têm papel central nessa discussão.

Hollanda em seu trabalho “O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1988)” (2008) constrói a história das torcidas em um período muito importante do futebol nacional – em que os clubes eram alguns dos melhores do mundo, a seleção brasileira era exemplo de vitórias e o Estado brasileiro estava presente nas regulações desportivas.

Nesse contexto, o autor demonstra como as agitações e revoltas nas arquibancadas do Maracanã foram importantes na consolidação e na criação dos novos modelos de Torcidas Organizadas, em oposição às tradicionais Charangas da década de 1940. Por toda a década de 1970, há, no Rio de Janeiro, a consolidação das Torcidas Jovens no cenário esportivo nacional e que transformam as torcidas em espaços

socioculturais de caráter associativo e recreativo.

Há, também, articulações políticas envolvendo esses novos grupos de torcedores. As pautas da bancada tiveram entre os anos de 1981 e 1984 união entre as torcidas cariocas para, por exemplo, lutar por um preço de ingresso mais justo. A ASTORJ (Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro) surge com o objetivo de legitimar as torcidas como uma força corporativa no esporte, conseguindo tomar e construir decisões políticas com inserção nas estruturas de poder e de unir os torcedores rivais em um tema comum – o direito do torcedor.

Hollanda (2008) analisou a ação dos grupos, a formação e a transformação de um tipo histórico, de um campo específico de torcedores, de modo a reconstruir experiências históricas, demonstrando como as TO's construíram suas identidades em uma relação direta com os meios de comunicação, a partir do século XX com a atenção a novas demandas de participação de setores urbanos no futebol – um setor massificado e mercantilizado.

Ainda, as abordagens acerca da violência desses grupos é também destacada. As rivalidades que, não são apenas clubísticas, mas se dão no âmbito das torcidas organizadas – como, por exemplo, as torcidas de Flamengo e Palmeiras, com rivalidade muito maior entre elas do que necessariamente entre os clubes (ainda que nos dias atuais esteja bastante acirrada).

Todo mercado é construído a partir de pelo menos três perspectivas: consumidor, vendedor e distribuidor. Na nossa pesquisa, a perspectiva dos consumidores, representados pelos torcedores, não será enfocada. Apesar disso, achamos importante trazer, por meio de revisão bibliográfica, o protagonismo do consumidor de futebol, o torcedor.

### 3. AS RAÍZES INSTITUCIONAIS DO FUTEBOL

Considerando o que nos ensinou Douglas (2004), nos dedicamos nesse item da pesquisa a entender como as instituições (futebol) nascem, pensam, se refazem e se atualizam ao passar do tempo. Nesse sentido, uma breve sociogênese do futebol brasileiro, nos faz compreender a história institucional da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), instituição que regula o futebol profissional no Brasil em dias atuais. Queremos, nessa sessão, identificar o nascimento e os primeiros passos da história institucional do esporte brasileiro.

Sarmento nos faz uma apresentação histórica das raízes institucionais da CBF e nas razões pelas quais ela deve sua criação. Passando pelas raízes do futebol brasileiro, que começa em São Paulo à busca por hegemonia esportiva no Rio de Janeiro, o autor chega aos motivos que levaram a criação de uma instituição que tinha o dever de regular os processos decisórios acerca do esporte nacional. O esporte, na totalidade, já era motivo para grandes disputas políticas no país, disputas essas que tinham como vanguarda os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. A importância se dava, sobretudo, por uma ideia de identidade cultural e racial, formando uma imagem e uma ideia do brasileiro, tanto dentro quanto fora do país, como explicitado pelo Relatório de 1918 da Confederação Brasileira de Desportes:

O esporte é de fundamental importância na regeneração das raças e dos costumes (...) como também no estreitamento das relações internacionais, tornando-se hoje um auxiliar da diplomacia. (...) Nossas relações esportivas internacionais foram iniciadas, como sabeis, pelos clubes de futebol, mas não só de futebol devemos cuidar. (...) Para que o Brasil se faça representar dignamente no mundo esportivo, é necessário, porém, que se comece unificando seu esporte. (...) A FBE [Federação Brasileira dos Esportes] será, na nossa terra, a autoridade única no esporte (...) A construção deste monumento grandioso (...) representará, sem duvidam um passo a mais, para o progresso da Pátria, para a regeneração de sua raça e para os laços de amizade com as nações que lhe são vizinhas ou com as que ela se acham ligadas por interesses políticos e comerciais. (apud Relatório de 1918 da Confederação Brasileira de Desportes; Sarmento, 2006, p.6)

Segundo a literatura por nós consultada, a FBE, enquanto entidade unificadora dos esportes nacionais, promovia a eugenia, pretendia transformar a ‘raça’ brasileira em uma referência para a prática dos esportes, promovendo intercâmbios culturais com outras nações mais ‘evoluídas’ para correr atrás do desempenho esportivo, que segundo a Federação, deixava a desejar. A questão civilizatória<sup>2</sup> foi um dos grandes motes que movimentam a ideia do esporte brasileiro no início do século XX.

---

<sup>2</sup> Não podemos, segundo Elias, associar e identificar essa forma antiga de desporto com a moderna. Tendemos a crer que esse esporte era muito violento, pois a prática do *football*, era frequentemente proibida pelas autoridades. As referências medievais mostram que as alusões aofutebol são decorrentes da proibição da prática

No que se refere ao uso do esporte como civilizador, Elias nos lembra que o processo civilizador está presente nos esportes. Segundo Elias (1992), a maioria dos esportes hoje praticados são originários da Inglaterra, espaço civilizador<sup>3</sup>.

Dessa forma, para Elias, o processo civilizador fez-se presente nas práticas de football. Inicialmente muito violentos, chegando até a provocar mortes, as regulações competitivas cresceram de modo a tornar o esporte mais limpo (fair play). O simples desuso das mãos que diferencia o football association (soccer) do rugby, pode ser visto como um avanço das regulações e criou a característica fundamental do soccer, que só pode ser jogado com os pés. A regra era tão absurda quando criada que, segundo Dunning, era algo parecido com exigir de alguém que equilibrasse ervilhas nas costas de seu garfo (Dunning, 2014, p.195).

Nesse sentido, FBE aparecia como a concentradora do processo civilizatório, via esporte no Brasil. No entanto, a força política do futebol brasileiro era muito grande para ser inserido em uma entidade que cuidava de todos os esportes conjuntamente. Como vimos, o esporte pioneiro em relações internacionais foi o futebol e também pelo fato de a FIFA, Federação Internationale de Football Association, exigir a criação de entidades dedicadas apenas para o futebol pra seu quadro de membros.

Desse modo, Mario Candim, presidente da Liga Paulista de Futebol (LPF) propõe a formação da Federação Brasileira de Futebol (FBF), que, contando já com os clubes paulistas, recebe a adesão de clubes do Paraná e do Rio Grande do Sul, sendo criada em 1915. Sarmiento observa que o Brasil estava atrasado na formação institucional do futebol, tendo em vista que seus vizinhos e maiores rivais esportivos do continente, Argentina e Uruguai, já tinham suas entidades exclusivas ao futebol, fundadas, respectivamente em 1893 e 1900. Candim, ainda, pede reconhecimento às nações vizinhas para a criação da entidade, em que foi prontamente respondido positivamente, legitimando a iniciativa paulista de controle do futebol nacional em detrimento do Rio de Janeiro – a outra ponta esportiva que disputava a hegemonia. Com

---

do jogo (Elias e Dunning, 1992). Histórias como a do condado britânico de Surrey, de que o esporte teria referência direta à vitória inglesa imposta às tropas dinamarquesas e que para comemorar, chutavam a cabeça dos dinamarqueses pela rua. (Dunning, 2014). As histórias míticas variam entre as ações de um indivíduo específico ou de um grupo. Isto dado, entende-se que há muitas maneiras de explicar como nascem as diversas variações do futebol, sendo que se acredita que foram jogadas em diversas partes do mundo simultaneamente em sociedades que tinham dotes tecnológicos o suficiente para criarem os materiais para a prática e com tempo para desfrutar do ócio para a prática esportiva.

<sup>3</sup> O esporte moderno tem sua origem no século XVIII com a predominância da nobreza e da aristocracia nas práticas esportivas e populariza-se no século XIX com a adesão das classes médias industriais e proprietários rurais. Data-se desse período as noções de regulação das atividades e competições esportivas, no que também é datado que ao longo do século XIX, os jogos de bola, como futebol, rúgbi, hóquei e tênis. Os jogos de bola são um marco civilizatório do século XIX, pois eles mostram a predominância de formas não violentas de competição esportivas.

essa ação, a FBF deixa claro que tinha como objetivo ser a legítima representante brasileira nas relações internacionais de esportivas, além disso, o texto de fundação da entidade explicita ainda mais esse objetivo:

Esta Liga terá por objetivo congrega todas as ligas ou clubes do Brasil, a fim de fazer disputar o Campeonato Brasileiro de Futebol, tornando-se assim esta instituição a entidade representativa do país nas suas relações internacionais (apud Mazzoni, História do futebol no Brasil, p.106, Sarmento, 2006, p.9)

No entanto, a FBE e membros do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) entendem que a existência da FBF é ilegal e encaminha à FIFA um pedido de inscrição para participar do quadro de federações da entidade, no entanto, o pedido da FBE não é respondido. Desse modo, a resolução do conflito entre as entidades brasileiras deveria se dar de forma interna. O impasse entre as entidades agrava-se na medida em que existem competições continentais a serem disputadas e as federações da Argentina e do Uruguai exigiam que a situação fosse resolvida para a convocatória da Seleção Brasileira de Futebol para a competição. Os argentinos reconheciam a FBF, enquanto os uruguaios não tomaram posição em relação a isso, mas exigiam a rápida resolução entre as partes.

Os líderes políticos brasileiros viam esse conflito interno entre entidades, como uma mancha nas relações diplomáticas brasileiras, demonstrando um atraso político e cultural do país. Foi então que o Ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, entrou nas negociações, e, em um encontro em 21 de julho de 1916 com os representantes da FBE, FBF, LMEA (Liga metropolitana de esportes atléticos) e da APEA (Associação Paulista dos Esportes Atléticos), firmava-se um acordo para a criação da CBD:

O documento final desse encontro estabelecia a concordância de todos com a suspensão das atividades tanto da FBE quanto da FBF, substituídas pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), cuja diretoria viria a ser posteriormente constituída por assembleia geral das federações associadas. Recomendava também que a LPF e a APEA se empenhassem em operar a uma fusão que viesse a garantir a unidade no comando do esporte no estado de São Paulo. Se a ideia era de acordo e união, uma decisão anunciava problemas: até que a diretoria da CBD fosse escolhida, o representante legal da nova entidade seria Álvaro Zamith [Presidente da FBE]. Era um sinal evidente de que a CBD se instituiria a partir da FBE, e de que haveria uma continuidade entre as duas organizações. (Sarmento, 2006, p.12)



#### 4. A PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

O futebol só será oficializado e percorrerá os primeiros passos para a profissionalização no governo de Getúlio Vargas, na década de 1930, além disso, também acontece o Primeiro Campeonato Mundial de Futebol no ano de 1930, no Uruguai, que por ser bi-campeão olímpico, ganha o direito de sediar a primeira competição organizada pela FIFA. Lafayette de Carvalho e Silva, representante da CBD no congresso apoia a candidatura uruguaia e assegura que o Brasil participará da competição.

A CBD foi resistente a ideia de profissionalização dos atletas, ideias essas que foram apresentadas pela APEA e pela AMEA. A ideia de CBD era que o futebol não fosse visto enquanto um trabalho formal e que mantivesse sua característica amadora. Perdendo essa identidade, a CBD temia que as elites nacionais perdessem a admiração pelo esporte e aproximaria as classes pobres para participar dos certames. Mas, ainda assim, o processo de profissionalização ganhou força por dois motivos: a política de valorização do trabalhador de Getúlio Vargas e a constante perda de atletas das equipes nacionais para as equipes estrangeiras. Como não havia nenhum vínculo institucional entre o atleta e o clube, as transferências eram gratuitas e seduziam os atletas nacionais para a Europa devido aos salários. Passou a existir a ideia de um ‘amadorismo remunerado’ nesse momento, em que os atletas recebiam os ‘bichos’ (pagamentos em dinheiro) por vitórias:

Na disputa do campeonato metropolitano do Rio de Janeiro em 1932, vencido pelo Botafogo, alguns clubes denunciaram o pagamento de gratificações, o chamado ‘bicho’, a atletas que mantinham o estatuto de amadores. Percebendo os limites desse ‘amadorismo remunerado’, os representantes do Fluminense e do Vasco da Gama, liderados respectivamente por Oscar da Costa e Raul Campos, passaram a articular a adoção de critérios formais de remuneração dos atletas, aventando assim a efetiva profissionalização da prática futebolística na capital brasileira. (Sarmiento, 2006, p.46)

Notamos então que, por resistência dos comandos institucionais, a profissionalização do esporte era muito mal vista, a remuneração era informal e a ideia de esporte de alto nível estava em segundo plano, em relação à formação da identidade cultural e racial do país. Essa resistência da CBD pela profissionalização, resultou em mais uma cisão no comando do futebol brasileiro. No dia 26 de agosto de 1933, na sede do Palestra Itália, Jorge Caldeira (presidente da APEA) e Raul Campos presidente da LCF (Liga Carioca de Futebol), fundavam a Federação Brasileira de Futebol.

Uma vez que a CBD organizava o Campeonato Brasileiro de seleções estaduais de futebol, a nova federação propôs o campeonato brasileiro de clubes de futebol profissional. No entanto, como só as associações de São Paulo e do Distrito Federal estavam formalmente filiadas à FBF, o torneio de 1933 contou apenas com times dos dois grandes centros futebolísticos, sendo, portanto, a gênese do Rio-São Paulo, disputa que se consolidaria uma das mais tradicionais do futebol brasileiro. (Sarmiento, 2006, p.50)

Considerando o breve excerto da história do futebol brasileiro apresentado, vimos que desde sua gênese o futebol foi um fenômeno sociológico complexo, permeado de diversas variáveis: econômica (movimentações financeiras de grande porte, geração de emprego e renda), política (o Estado como agente interno ou externo ao desporto), sociocultural (o futebol como parte do cotidiano de todas as classes sociais).

Na próxima seção, entramos na nossa pesquisa de mestrado e buscaremos demonstrar as variáveis culturais e sociais que identificamos como construção do mercado do futebol no Brasil.

Como variável cultural, entendemos o mito do jogador como herói; como variável social, entendemos o marco jurídico do setor, especialmente aquele que facilita às transferências de atletas.

## 5. DADOS DA PESQUISA: JOGADOR COMO HERÓI: VARIÁVEL CULTURAL

Lembramos que nossa hipótese central é que o mercado do futebol se sustenta em um discurso que está em oposição ao da racionalidade economia. Essa hipótese foi construída durante nossa pesquisa exploratória realizada na Ferroviária de Araraquara, antes do início da pandemia de COVID-19, encontrando, também, o mesmo discurso em atletas profissionais e amadores.

Diante desse discurso apresentado pelos jogadores de futebol, direto ou indiretamente, firmamos nossa primeira hipótese de trabalho, a saber: que existe um discurso do jogador como herói no Brasil e que este ajudaria no funcionamento do mercado; o desdobramento desta hipótese é que haveria uma pré-disposição cultural que relaciona jogador e herói, não apenas nos jogadores, mas também na indústria que fabrica jogadores, ocasionando uma grande oferta de atletas no Brasil.

Na nossa pesquisa exploratória, visitamos a Ferroviária de Araraquara em dias de treino, observando e conversando informalmente com os atletas e ex-atletas da cidade, durante nossa Iniciação científica e antes do início da pandemia de COVID-19, no ano de 2019. Foram ao todo 3 encontros e conversamos com três ex-atletas, que foram:

Tabela 1 – Ex-atletas que participam da pesquisa

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Função atual</b>
Alessandro	43	Trabalhador autonomo
Assis	42	Trabalhador autonomo
Silvio	46	Mecanico

Fonte: dados da pesquisa.

Nessas ocasiões, foi elaborado um Diário de Campo, no qual foi relatado as experiências desses três jogadores neste clube e em outros pelos quais haviam passado. Os três pontuaram a ideia de superação e de sofrimento em suas trajetórias de jogador, como por exemplo nos seguintes depoimentos:

Alessandro, 48:

“Eu já dormi embaixo das arquibancadas, pois o clube que eu jogava não tinha estrutura para nos dar alojamento”

Essa frase de Alessandro também foi proferida pelos outros dois entrevistados, pois é uma realidade comum, inclusive em algumas equipes grandes do Brasil, não é muito raro

encontrar relatos em programas de tv, documentários, jornais e veículos de comunicação de forma geral, de atletas que passaram pela mesma situação.

Os três atletas também relatam dificuldades de alimentação. Em especial, Silvio:

“Muitas vezes já treinei sem nada no estômago... os clubes tinham pouca estrutura, então a gente tinha que se virar para comer antes dos treinos e jogos algumas vezes”

Também é muito comum relatos como “eu jogava com chuteira emprestada”; “Dormia na casa de um amigo mais próximo do clube para não gastar com transportes”; “o salário está atrasado em X meses, mas a gente joga por amor à camisa e à torcida”. Relatos esses que comprovam a ideia de superação e sofrimento na carreira de um atleta.

Esses relatos coletados em trabalho de campo, nos fez perceber a presença de de duas variáveis na trajetória de um jogador, a superação e sofrimento, resignação e mentalidade vencedora. Nesse sentido, decidimos perseguir nossa primeira hipótese sobre a centralidade dessas categorias no futebol.

## 5.1 Superação e sofrimento

Percebemos na pesquisa de campo exploratória que é muito comum entre que jogadores e ex-jogadores tenham histórias de superação a contar - quanto mais superação um atleta mostra, mais valorizado ele é pela comunidade do desporto. É como se a superação, a forma positiva de encarar os desafios, fosse um marcador simbólico, uma ética que permite a aceitação pelo grupo. Algumas das histórias compartilhadas entre os jogadores, dizem respeito aos “atrasos de salários”, “moradias precárias”, “viagens de ônibus degradados”, “materiais esportivos de segunda linha”, “campos com condições adequadas para os treinos”, “alimentação não satisfatória”, “treinar com o estômago vazio” e acidentes durante os treinos e jogos.

Tomemos como exemplo o caso de Alessandro, 43 anos, atleta profissional dos dezto aos vinte e seis anos e que teve sua carreira interrompida por conta de uma lesão em seu pé direito. O pai – já falecido - teve muitas funções durante a vida, entretanto sempre esteve empregado em lugares que pagavam bem e não deixava a família passar necessidade, onde suas funções variavam desde vendedor anônimo até chefe de linha de produção em fábricas. Sua mãe, dona de casa, hoje vende produtos cosméticos via catálogo.

O ex-atleta teve a carreira interrompida precocemente devido a uma lesão no pé direito, uma fratura exposta no osso do calcâneo - com uma cicatriz marcada na pele

- que como conta, foi amassado pelo tanque de lavar roupas de sua casa, deixando claro que sua lesão foi em decorrência do “azar”, pois não estava jogando no momento em que aconteceu o acidente. Alessandro demonstra tristeza ao lembrar do episódio. Ele dizia que vivia o auge da carreira e que a lesão impossibilitou a sua ida para um grande clube do nordeste brasileiro, frequentador da elite do futebol brasileiro e muitas vezes campeão em seu Estado. Depois desse episódio Alessandro decidiu encerrar a carreira e “seguir a vida”.

Quando perguntado a Alessandro o motivo que o levou a ser atleta profissional de futebol, ele conta que foi algo que aconteceu “naturalmente”. O pai sempre o levou para os campos de futebol nos fins de semana e ele foi entrando aos poucos nos jogos dos campeonatos de várzea que o pai disputava. Segundo ele, quando percebeu já era goleiro titular do time do pai e, demonstrando talento, foi com o pai e amigos a diversos clubes do Estado de São Paulo (grandes e pequenos) para fazer testes de admissões e seguir carreira.

## 5.2 Resignação

Apesar da tristeza em ter que abandonar o futebol “*no auge da carreira*”, o ex-atleta fala com alegria do período em que viajou o Brasil com o futebol: “*foi a melhor época da minha vida; não olhava as dificuldades e nem o salário, eu queria era jogar futebol; dar alegria para o torcedor*”. Sobre abandonar o futebol, fala com resignação: “*são assim que são as coisas e devemos superá-las*”.

Falar do sofrimento com alegria e honra, ou seja, a romantização do sofrimento está presente não apenas em Alessandro, mas em todos os jogadores que tivemos a oportunidade de consultar (pessoalmente ou não). Assim, ouvimos casos sobre os “*sacrifícios econômicos da família para conseguir a primeira chuteira*”; sobre “*dormir nas arquibancadas, nas vésperas de um teste, por não ter recurso para um hotel*”; sobre “*realizar o teste com fome, por falta de dinheiro*”. Ouvimos muitos casos de exaltação das dificuldades e de superação diante das situações precárias; portanto, os jogadores se aproximam, mesmo sem perceber, do mito do jogador, como um herói.

A exaltação das dificuldades e o discurso de “*são assim que são as coisas e devemos superá-las*” estão diretamente presentes no discurso por nós coletado na pesquisa de campo passam diretamente pela ideia de herói presente no *habitus* do atleta profissional.

O mesmo ocorre com os demais atletas que entrevistamos, como Assis e Sílvio. O primeiro, de breve carreira, trocou o futebol para sustentar a família. O esporte, para Assis, antes uma diversão de criança, tornou-se um trabalho sem que ele percebesse. Quando notou, já atuava por equipes de várzea em troca de “bichos” e logo chegou a atuar nas divisões

inferiores do futebol regional de São Paulo. O salário, muito baixo segundo ele, não possibilitava o sustento de sua família. Jovem, Assis foi pai muito cedo e por isso precisava de um bom salário para sustentar seus familiares.

Ele relata que o futebol, antes uma esperança de sustento e sucesso, fez muito mal para sua autoestima. Conta que quando criança e adolescente era o melhor jogador em todos os lugares que atuava. Se destacava por sua habilidade, pelos dribles e força física acima da média. Mas quando entra no mercado de trabalho, segundo ele, aquele atleta antes destaque por suas valências é apenas mais um, tem valências comuns no meio profissional e, como relata, suas habilidades precedentes eram o mínimo que precisava para se profissionalizar, pois, no futebol de alto rendimento, a exigência é alta - mesmo que os seus vencimentos não correspondam a isso.

A alta exigência, o baixo salário e a necessidade de cuidar da família fizeram com que Assis abandonasse o futebol relativamente jovem, aos 25 anos. Hoje, tem seu próprio comércio e sua relação com o futebol é apenas acompanhar os jogos do time que torce – ainda que o futebol tenha o frustrado muito. Ainda, Assis estimulou seu filho e hoje estimula seu neto a praticar futebol; mas pondera, afinal sabe muito bem quais são os percalços da profissão: “não pode levar a sério muito cedo, se não fica frustrado”.

Silvio tem uma história semelhante à dos ex-atletas supracitados, também precisou abandonar a carreira precocemente e, nesse caso, os motivos se misturam e mostram uma certa afinidade na história de ex-atletas que têm a carreira encurtada: lesões, pressão financeira e a percepção de que não será um atleta de sucesso. Aos 27 anos, Silvio percebeu que não havia a possibilidade de progredir na carreira e sustentar a família a partir do futebol. Ele relata que, por ser uma profissão em que cada dia é contado e que “acaba cedo”, a necessidade de ganhar dinheiro rápido é algo que pressiona a carreira do atleta. Silvio relata que “(...) já é difícil ficar longe da família, viajar duas ou três vezes em uma semana e fazer isso com pouco dinheiro, ganhando até menos do que um trabalhador de fábrica ou um comerciante... não vale a pena seguir até o fim, eu já sabia que não iria para um time grande”<sup>4</sup>.

De todo modo, Silvio diz que algumas escolhas individuais o fizeram não progredir na carreira como deveria. Segundo ele, não foi o talento que limitou seu crescimento dentro do jogo, mas sim, o modo como geriu sua carreira. Para ele, um bom gestor de carreira, um bom empresário e uma “mentalidade vencedora como a do Cristiano Ronaldo” são acessórios

---

<sup>4</sup> Em nossas pesquisas informais, notamos haver, de fato, a questão da idade envolvida na relação entre sucesso e carreira. Um atleta que “explode” mais jovem, tem maior possibilidade de alcançar grandes feitos na carreira do que alguém que se z a partir de 25 ou 26 anos. É uma variável a ser estudada.

fundamentais para obter sucesso, o “talento” é um apêndice, não produz nada sozinho sem uma base firme.

Segundo pesquisa da CBF em parceria com a *Statista* e a *Ernst & Young*, 88% dos atletas que praticam futebol no Brasil, recebem um salário médio de até R\$5 mil, sendo que 55% dos atletas recebem cerca de um salário mínimo mensal<sup>5</sup>. Essa é uma realidade enfrentada pelos atletas que entrevistamos. Todos os três relatam as dificuldades da profissão em relação salário.

### 5.3 Mentalidade vencedora

Em relação aos atletas a quem conseguimos acesso na Ferroviária – os jogadores de categoria de base do clube, entre 18 e 20 anos – notamos que também há em seu discurso a ideia do atleta-herói. Nas conversas informais que tivemos com alguns atletas, antes da pandemia, todos eles reproduziram a ideia de “mentalidade vencedora”, a partir do uso dos seguintes discursos: “é preciso focar em ser profissional”; “temos que nos concentrar na mentalidade vencedora”; “não temos o direito de errar”; “temos que jogar pela nossa camisa, pela nossa torcida e por nossa família”; “quem vence entra para a história”; Assim como falam também em busca por uma gestão de carreira que garanta bons rendimentos financeiros durante e após a carreira.

A ideia que o entrevistado Silvio nos passou de o “talento” ser um apêndice da carreira de atleta, se faz presente já para os mais jovens. Notamos que a mentalidade de *coach* também faz parte dos clubes de futebol atuais. Em pesquisa na *internet*, descobrimos que os grandes clubes do país, contratam *coachs* para oferecer palestras aos atletas – quando não, o treinador também cumpre esse papel. As palestras podem ser semanais, quinzenais, bimestrais, semestrais, anuais ou ocorrem em momentos de dificuldade<sup>6</sup>.

Nossos três ex-atletas entrevistados, apesar de não terem tido o sucesso que planejavam no início de carreira e nossos atletas da categoria de base, carregam consigo o discurso do herói, reproduzindo a ideia de *heroizamento* que envolve o mundo do futebol. Nesse mito, passar por situações precárias é considerado parte do processo que poderia levá-

---

<sup>5</sup> Acesso em 03/09/2021: <https://www.moneytimes.com.br/no-brasil-55-dos-jogadores-de-futebol-ganham-1-salario-minimo/>

<sup>6</sup> Acesso em 08/09/2021: “Coach Lulinha Tavares supera desconfiança e ajuda atletas do Bahia: <http://ge.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/2015/07/coach-lulinha-tavares-supera-desconfianca-e-ajuda-atletas-do-bahia.html>. “Santa Cruz contrata uma ‘coach’ para mudar o comportamento dos atletas: <http://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/2013/08/santa-cruz-contrata-uma-coach-para-mudar-o-comportamento-dos-atletas.html>

lo ao sucesso extremo, a ganhar muito dinheiro, a dar uma boa vida para sua família e amigos, mesmo longe da família - o que a prática do esporte oferece é compensatória. É como se a superação, o sofrimento e a resignação fizessem parte do “rito de passagem” para o sucesso.

Entretanto, como salienta Rubio (2008), essa rotina de treinos e jogos transforma o atleta em um indivíduo isolado que sofre com a ausência da família e a ideia do herói o transforma em alguém incapaz de expor para o público suas fragilidades, angustias e incertezas. Então o atleta torna-se ao mesmo tempo um showman, um indivíduo capaz de entreter e levar lazer e mover multidões rumo a estádios e ginásios (Rubio, 2008) e também alguém solitário e frágil, carregando em si o estigma do herói e, como demonstra Rubio, o atleta desempenha um papel paradoxal.

Rubio (2008) resgata que as qualidades heróicas têm seus valores definidos nos conflitos bélicos e na guerra, na Grécia Antiga:

[...]correspondem analogamente às virtudes necessárias para triunfar do caos. [...] Temos, então, que a vitória sobre si próprio é a grande propulsora do herói de todos os tempos. Diante dessa perspectiva o herói pode ser visto para além de um personagem, mas como uma forma que estrutura um padrão de atitude (RUBIO, 2008, p. 221).

Apesar de sublinharem que “*o prazer é dar alegria ao torcedor*”, os atletas que conversamos possuem como referência às histórias de atletas de sucesso e almejam receber salários acima da média nacional. A despeito de menos de 1% dos atletas receberem acima de R\$ 500 mil mensais, segundo CBF, os jogadores entrevistados produzem um discurso romantizado sobre a profissão. Esses atletas nos mostram, através de suas histórias de superação, que “*os sacrifícios valem a pena, pois serão futuramente, recompensados*”.

Não obstante, os discursos de dificuldade e superação, são encontrados, também, em atletas de sucesso, que passam a influenciar performaticamente os jogadores de clubes pequenos. Como material complementar a essa pesquisa, coletamos material escrito pelo atleta de futebol Daniel Alves, para mostrar esse processo performático. No texto “O Segredo”<sup>7</sup>, escrito por Alves para o site *The Players Tribune*, o jogador faz a seguinte afirmação: “*Meu pai é um lutador. Eu tenho de ser um lutador, também*”. Nesse material, o lateral direito do São Paulo e da Seleção Brasileira, remonta sua história desde os dez anos de idade, defendendo uma trajetória de dificuldade e superação. Conta a rotina de seu pai, trabalhador rural e de como ele e seus irmãos ajudavam na colheita – “*Esta é a nossa forma de comer [...] sobreviver*”. Segundo Alves, “*meu pai foi um grande jogador quando jovem, mas não teve*

---

<sup>7</sup> Acesso em 10/09/2021: <https://www.theplayerstribune.com/articles/dani-alves-juventus-o-segredo>



*dinheiro para ir até a grande cidade*” – o atleta é natural de Juazeiro, interior da Bahia – para ser notado pelos olheiros dos grandes clubes. Por conta disso, o pai deu todas as oportunidades para o filho seguir a carreira, *“mesmo que isso custasse a vida dele”*.

Daniel Alves ainda relata que aos treze anos foi treinar em uma academia de futebol para jovens atletas na cidade grande, morando distante de sua família. Em um alojamento pequeno com 100 jogadores, o jogador sentia-se em uma prisão: *“Tive meu uniforme de treino roubado e passei fome no alojamento, pois não tinha comida suficiente para todos os atletas”*. Uma passagem do texto mostra semelhança no discurso de Daniel Alves, atleta bem-sucedido, com o discurso que observamos na pesquisa de campo no Ferroviária:

*Eu digo a mim mesmo: “Você não vai voltar para a fazenda até você deixar seu pai orgulhoso. Você pode ser o número 51 em habilidade. Mas você será o número 1 ou 2 em força de vontade. Você será um lutador. Você não vai voltar para casa, não importa o que aconteça.*

Alves não apenas se vê como herói, mas espelha-se em seu pai – a quem, para ele, é também um exemplo de herói. Adiante, o atleta mostra como alcançou o sucesso, considerado o mais vitorioso da história, trabalhando com aqueles que considera os melhores da sua geração, como o atacante argentino Lionel Messi e o treinador espanhol Pep Guardiola.

Daniel Alves expressa de forma clara o que entendemos nesse texto como *o mito do herói*, corroborando com o que foi escrito por Rubio (2008), a saber, que a rotina de treinos e jogos transforma o atleta em um indivíduo isolado, que sofre com a ausente família; e a ideia do herói o transforma em alguém incapaz de expor para o público suas fragilidades, angústias e incertezas. Então, o atleta torna-se ao mesmo tempo um *showman*, um indivíduo capaz de entreter e levar lazer e mover multidões rumo a estádios e ginásios (RUBIO, 2008) e também alguém solitário e frágil, carregando em si o mito do herói; como salienta Rubio (2008), o atleta acaba por desempenhar um papel paradoxal: ao mesmo tempo em que ganha muito dinheiro, vive intensa solidão.

A narrativa de Alves é muito comum no ambiente do futebol; é possível encontrá-la no discurso de outros atletas, como Zé Roberto<sup>8</sup>. A carreira de sucesso do atleta, marcada por passagens vitoriosas em grandes clubes do Brasil e da Europa, foi iniciada com muita dificuldade. Zé Roberto relata<sup>9</sup> que *“só me tornei atleta graças a minha mãe, que insistiu*

---

<sup>8</sup> No meio futebolístico, Zé Roberto é conhecido por ter um físico exemplar e por treinar mais que os atletas dos clubes pelo qual jogou. Encerrou a carreira como lateral esquerdo, uma posição que exige muito fisicamente, aos 42 anos de idade, algo muito raro.

<sup>9</sup> Programa “Bolívia Talk Show”: Acesso em 28/02/2022 <https://www.dailymotion.com/video/x6n2bgi>

*para que eu fizesse os testes de admissão nos clubes*”; além disso, ele também relata a falta de materiais, como chuteiras, que o impossibilitava de treinar. No entanto, gosta de frisar que, apesar das dificuldades, *“segui firme para ter sucesso na carreira”*. Em nossa perspectiva, Zé Roberto, tornou-se porta-voz do discurso do jogador como herói – ainda que não de forma consciente: atualmente é pastor de igreja evangélica e ministra palestras motivacionais, nas quais conta como suacarreira tornou-se um *case* de sucesso.

Essas narrativas focadas no sucesso individual, muito comum no ambiente do esporte, fazem parte de uma *doxa* contemporânea - *doxa* aqui entendida no sentido de Bourdieu, como um senso comum naturalizado - que coloca trajetórias individuais como referência coletiva. Trata-se de uma estratégia bastante utilizada na literatura de autoajuda individual e corporativa (GAIAD, 2019), a qual defende que o sucesso e o fracasso de um agente se explicam isoladamente, desconsiderando referências sociais.

Em oposição ao discurso de herói de Daniel Alves, um contemporâneo do atleta, praticamente formado na mesma geração, abriu mão das glórias e conquistas do futebol para seguir uma vida mais tranquila. O atleta, Adriano, ídolo da torcida do Flamengo e da Inter de Milão foi bem incisivo em suas palavras e em suas ações. *Adriano voltou para a favela*<sup>10</sup>. Também conhecido como *Adriano Imperador*, apelido que ganhou na Itália, foi um atleta profissional futebol com passagens em grandes clubes do futebol brasileiro e italiano como *Internazionale de Milão*, Flamengo, São Paulo, Corinthians, Roma, entre outros. Iniciou sua carreira no Flamengo ainda nos anos 1990 e posteriormente transferiu-se para a Itália, onde conquistou sucesso e reconhecimento mundial entre seus pares, fãs e torcedores.

Natural do Rio de Janeiro, morador do morro da Vila Cruzeiro no bairro da Penha, Adriano teve como maior incentivadora, como relata em várias entrevistas, a sua avó, que o levava para os treinos no clube do Flamengo. O atleta subiu degraus em suacarreira, atuou pelos já citados grandes clubes e participou da Copa do Mundo de Futebol de 2006, na Alemanha, como titular da Seleção Brasileira de Futebol, fazendo parte do intitulado, por Carlos Alberto Parreira, Quadrado Mágico (com Ronaldo, Ronaldinho e Kaká)

A história da carreira de Adriano contrasta com a de Daniel Alves no sentido de que enquanto Alves busca em sua carreira a maior quantidade de glórias e títulos, Adriano abriu mão de tudo para voltar ao Brasil, morar perto da família e viver longe dos holofotes como um grande atleta. Após a morte do pai, Adriano mergulhou em um processo de depressão e não encontrou nas glórias do futebol o conforto para superar a doença. Notamos que os casos

---

<sup>10</sup> Acesso em 22/08/2021: <https://www.theplayertribune.com/br/posts/adriano-imperador-tem-uma-historia-para-contar-carta>

de depressão no futebol estão sendo altamente relatados há um curto período de tempo. Atletas de alto rendimento como Nilmar, Cícinho e Pedrinho que foram atletas de sucesso no futebol brasileiro já declararam publicamente acerca do tema e de como sofreram e lidaram com essa questão<sup>11</sup>. Atletas europeus como Thierry Henry e Peter Crouch também falaram sobre o tema no documentário “*A Royal Team Talk: Tackling Mental Health*” exibido na TV Inglesa BBC.

A narrativa de Adriano não se encaixa na narrativa tradicional de atletas de alto rendimento e reconhecimento como Daniel Alves. Adriano é uma ideia fora do lugar. Uma narrativa que une as histórias de Alessandro, atleta anônimo e de pouco ou nenhum reconhecimento no esporte e de Dani Alves, atleta de alto nível e considerado o mais vitorioso de todos os tempos.

As narrativas apresentadas acima configuram as categorias que criam o “mito do jogador herói”, aquele que, depois de uma vida muito dura, alcança sucesso através de valores considerados louváveis, tornando-se mais que um atleta esportivo, mas um exemplo, tanto para todos que almejam alcançar o mesmo patamar, quanto para torcedores e demais espectadores de suas trajetórias.

Através do banco de dados do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação Histórica<sup>12</sup>, apresentamos, na próxima seção, um levantamento histórico da trajetória de ex-atletas que alcançaram o sucesso no futebol. Buscamos, nesse levantamento, encontrar narrativas que reforcem ou não as categorias percebidas em nossa pesquisa inicial: Superação, Resignação e Mentalidade Vencedora. Essa estratégia visa dar maior aprofundamento a pesquisa, uma vez que devido a Pandemia não conseguimos voltar para a pesquisa de campo na Ferroviária.

---

<sup>11</sup> Nilmar fala sobre luta contra depressão: ‘Eu só chorava. Por que comigo?’ <https://ge.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/nilmar-fala-sobre-luta-contr-a-depressao-eu-so-chorava-por-que-comigo.ghtml>.

<sup>12</sup> Banco de dados consultado: último acesso em 15/04/2022 <https://cpdoc.fgv.br/museudofutebol/entrevistas>

## 6. EX-ATLETAS VITORIOSOS: NARRATIVAS

Selecionamos para nossa pesquisa, depoimentos<sup>13</sup> de ex-atletas de futebol que possuem títulos nacionais e passagens pela seleção brasileira. Optamos por um distanciamento histórico (anos 60,70 e 80) para que nossos dados compreendessem um recorte maior de tempo. Dito esses critérios, os jogadores analisados foram: Ademir da Guia, César Maluco, Paulo Roberto Falcão, Tostão e Gerson. Buscaremos encontrar as narrativas presentes em suas falas, afim de cruzar esses dados com a teoria já apresentada.

### 6.1 Ademir da Guia

Ademir da Guia nasceu em 03/04/1942, na cidade de Bangu, RJ. Vindo de uma família de jogadores, atuou nos campos de futebol nas décadas de 1960 e 1970. Carioca, atuou majoritariamente nos clubes do estado de São Paulo, consolidando e tornando-se ídolo do Palmeiras. O atleta cresceu em uma família de jogadores de futebol, tendo o pai, Domingos da Guia, como grande exemplo de sucesso em sua própria casa<sup>14</sup>. Após a carreira de atleta, Ademir migrou para a política, eleito vereador da cidade de São Paulo pelo PCdoB.

Em consulta ao banco de dados CPDOC, em que foram realizadas entrevistas com ex-atletas conseguimos destacar traços das categorias abordadas anteriormente em nossa pesquisa. Tanto o começo, quanto o final da trajetória de Ademir da Guia mostram narrativas de superação.

O começo na cidade simples do interior do Rio de Janeiro, traduzido também no espanto da sua primeira viagem para Nova York, mostram uma vida simples e sem luxo que acaba a alcançar outro patamar. O final da carreira, o descontentamento com sua lesão que o forçou a parar, a dificuldade para se aposentar), encontrando novos ofícios e a volta ao trabalho com o futebol, demonstram uma narrativa de superação e resignação.

“Eu não esperava [os problemas de saúde], porque eu vinha jogando bem, e estava uma boa equipe também, a gente estava jogando, tinha sido campeão em 76, a equipe vinha melhorando, mas surgiu e a minha preocupação já foi assim, porque quando surgiu o problema, o doutor falou: “Ademir, vai procurar um médico”. Aí eu fui, e o médico falou: “vamos fazer uma operação”. Então a gente tinha essa expectativa de operar e voltar, mas aí operei em 78, não fiquei bom, depois operei em 80 novamente, também não..., melhorei assim para viver, mas não para jogar futebol.”

<sup>13</sup> Os cortes das entrevistas estão anexados ao final do texto, na seção X – “Anexo 1 – Entrevistas”

<sup>14</sup> Domingos da Guia, atuou por Bangu, Vasco da Gama, Nacional do Uruguai, Boca Juniors da Argentina, Flamengo e Corinthians. Jogou a Copa do Mundo de 1938.

Como mostram os depoimentos que selecionamos acima, a mentalidade vencedora de Ademir da Guia traduziu-se como uma espécie de cumprimento do dever do jogador de futebol, o de “vencer e agradar sua torcida”: A busca pela copa do mundo e por conseguir acompanhar o pai na vitória.

## 6.2 César “Maluco” Lemos

César “Maluco” Lemos, nascido em 20/01/1945, é natural de Niterói-RJ. É irmão do primeiro atleta a ter carteira profissional no Brasil, Lemos. Parte de uma família de atletas, “Maluco”, profissionalizou-se ainda nos anos 1960 e atuou por clubes como Flamengo e Palmeiras. O pai, também jogador, mas que nunca foi profissional, era atuante no mercado do “jogo do bicho”, tradicional loteria (ilegal) popular no Rio de Janeiro. A mãe, segundo “Maluco”, era comerciante. Durante a entrevista, o ex-atleta demonstra algumas falhas na memória, ao mesmo tempo que demonstra ser bem informado aos acontecimentos do país.

César, tal como Ademir, demonstra ter sido um atleta que superou muitas dificuldades, como, por exemplo, nas passagens sobre a pobreza da infância e os problemas que sua personalidade tida como “forte” lhe ocasionara no meio do futebol.

“Fiz jogo de bicho, que o meu pai fazia jogo de bicho também sábado e domingo, quando não trabalhava, que meu tio era banqueiro, o meu tio era banqueiro de bicho. Eu era o cara que fazia corrida de cavalo, quando estava muita gente e tal, fazia corrida de cavalo e jogo de bicho, mas era aquele moleque que como andava muito na praia, lá em Niterói, ali na Coronel Miranda, o meu pai falava: “Olha, fica você lá na esquina pra ver se vem a polícia.”

Problemas comportamentais em campo eram corriqueiros na carreira do atleta, o que levou a ser suspenso diversas vezes e por grandes períodos – entretanto, sua postura pouco mudava após as punições – porém, por conta disso, acabou ganhando o apelido que o fez ser reconhecido.

“Sempre primeiro eu, a dividida é minha e não ter medo de ninguém. Aquilo pegou, cara. Parece até uma doença (...).Fui prejudicado, dizem, o Brandão<sup>15</sup>, falecido, que por causa das brigas eu me prejudiquei um pouco. Dito por ele. Eu acredito que não. Mas me ajudou bastante a não ter contusões”.

César “Maluco” Lemos também aborda a questão de que, nos anos 1960, os jogadores de futebol sofriam com muito preconceito por sua profissão, vistos como “malandros” e não levados à sério.

“Você sabe que eu e muitos jogadores nunca recebemos, o próprio Djalma Santos e outros jogadores, nunca recebemos fundo de garantia. Joguei no Palmeiras dez anos. No Flamengo nunca recebi fundo de garantia. É duro, rapaz. Vivemos no mundo cão. E era marginalizado, o jogador de futebol.”

Hoje, o ex-atleta trata o futebol como o maior emprego do mundo, demonstrando também uma contribuição pessoal para o crescimento do esporte. Assim, conseguimos identificar os traços de nossas 3 narrativas, também, nesse atleta.

### 6.3 Paulo Roberto Falcão

Filho de caminhoneiro e costureira, Paulo Roberto Falcão nasceu Niterói-RS, em 16 de outubro de 1953, atuando profissionalmente com muito êxito no Internacional de Porto Alegre e na Roma (Itália) – onde recebeu o apelido de Rei de Roma. Falcão, como era popularmente conhecido, fez parte de uma primeira geração de atletas que começaram a ser transferidos com mais frequência para a Europa, nos anos 1980.

Um ex-atleta refinado, que fala italiano e com elevado grau de instrução, trabalhou na Rede Globo como comentarista na transmissão dos principais jogos do país e, ainda, foi treinador de clubes como Internacional e Bahia.

Falcão não acreditava que seria atleta profissional, por julgar muito difícil chegar ao topo: “Tanto é que depois quando eu comecei a jogar, até 18 anos eu achei que eu não ia jogar por profissão. Porque eu olhava o time de cima, só tinha “jogadoração”, não é? E eu dizia: “Como é que eu vou jogar nesse time?” E eu tinha muita... O que é que eu pensava na época?”. Ao analisarmos a entrevista desse atleta, notamos que, por mais que tenha alcançado muito sucesso na carreira e tenha, em certa medida, a mentalidade vencedora do atleta, o seu início de caminhada no mundo profissional foi seguido de resignação, onde as barreiras, inclusive de sua própria autoestima, foram superadas.

“Tanto é que depois quando eu comecei a jogar, até 18 anos eu achei que eu não ia jogar por profissão. Porque eu olhava o time de cima, só tinha jogadoração, não é? E eu dizia: “Como é que eu vou jogar nesse time?” E eu tinha muita... O que é que eu pensava na época? Eu queria era jogar até profissional do Internacional, que na época eu acho que era 18 anos. No momento de subir eu queria ser emprestado, porque eu olhava no time de cima e na minha ca... Na minha concepção era difícil arrumar um lugar para jogar e eu não queria ficar me enganando na minha cabeça”

#### 6.4 Eduardo Gonçalves de Andrade “Tostão”

Eduardo Gonçalves de Andrade, conhecido como “Tostão” nasceu em 25 de janeiro de 1947. Natural de Belo Horizonte, começou a jogar futebol no bairro de nascimento. Iniciou como profissional no futebol de salão, em 1961 e um ano depois, começou a jogar como atleta de campo. Passou por alguns clubes brasileiros e se tornou ídolo do Cruzeiro.

A narrativa de “Tostão” é de resignação.

“Éramos quatro, eu o mais novo. Isso também me ajudou a ir para a carreira de futebol, porque os três eram mais velhos, todos os três trabalhavam para ajudar os meus pais a ter uma renda melhor e eu ali pequeno fui protegido tanto emocionalmente como também materialmente para que eu pudesse ali brincar, não precisar trabalhar tão cedo como eles fizeram e poder estudar, aí mais tarde encaminhar para o futebol”.

Irmão caçula de uma família estruturada, o atleta se via fora das obrigações de trabalho e da necessidade ajudar em casa – algo muito comum em famílias nos anos 1950 - pois seus três irmãos mais velhos cumpriam esse papel. Ciente desse privilégio, “Tostão” via como obrigação se tornar um bom atleta. Após estar certo de que tinha chances de ser um grande profissional dos campos, resolveu que não prestaria o vestibular e entraria de vez para a carreira de jogador de futebol. Tostão tinha ciência que o caminho escolhido era curto e já tinha toda sua trajetória pensada previamente, desde adolescente - assim, quando resolveu que seria a hora de se aposentar (e também por ferir seu olho em um jogo, deslocando sua retina), aos 26, entrou para a faculdade para ter grau superior, se formando e atuando como médico psicanalista.

#### 6.5 Gérson de Oliveira Nunes – “Canhotinha de Ouro”

Gérson de Oliveira Nunes nasceu em Niterói – RJ, atuando em grades times como Flamengo, Botafogo, Fluminense e São Paulo nos anos de 1960 e 1970. O ex-atleta, em seu relato, expõe a mentalidade vencedora por nós transformada em conceito, tratando, por exemplo, a importância do DNA familiar como um componente de sucesso devido pelo pai também ter sido um atleta famoso.

**Sarmiento** – “O fato do seu pai ser jogador de futebol facilitou algum contato?”

**Gerson** – “É tinha, tinha... Contato não, mas tinha influência do DNA, naturalmente. Influência sobre isso não, porque meu pai nunca se meteu, quer dizer, em pedir para isso, nunca, “quer, vai lá e faz a sua parte, não vou pedir nada”. Porque ele dizia: “nunca pediram por mim, porque que eu vou pedir por você? Se você tem alguma coisa de bom quem vai ver é quem está

te chamando para jogar, os treinadores e tudo”. Mas nunca teve influência na minha participação em futebol”

Entretanto, Gérson ressalta que isso não facilitou a forma em que oportunidades se abriram para ele. Ressalta que o pai “não dava nada” para ele, pois ninguém havia ajudado seu pai, criando, assim, uma narrativa de mérito por conta própria.

Somando a isso, seu depoimento destaca a sua crença no dom e no talento comonatos e em todos os jogadores de futebol de sucesso.

Assim como abordado anteriormente na biografia de César “Maluco”, Gérson também comenta a desvalorização do profissional do futebol em sua época. Destacou a sua participação no empenho de garantir direitos básicos ao atleta profissional, como também uma narrativa de superação, pois comenta que, na época, o atleta não tinha nenhum direito previdenciário ou trabalhista.

Quando adentramos aos arquivos do CPDOC e consultamos à exaustão as entrevistas dos ex-atletas históricos do país (todos disputaram Copa do Mundo e fizeram parte de times históricos), notamos que apesar de terem atingido o sucesso em suas carreiras, marcando períodos históricos com as camisas da Seleção Brasileira e de seus clubes, eles reproduzem as categorias por nós desenvolvidas para compreender a realidade dos atletas: superação, resignação e mentalidade vencedora. Deste modo, esses atletas reforçam nossa hipótese do mito do herói – atleta que supera dificuldades e os problemas para realizar o sonho de ser profissional.

Dialogando com nosso quadro teórico, a sociologia econômica, os depoimentos reforçam que existe elementos não econômicos ajudando a consolidar esse mercado, no caso, o elemento social que coloca o jogador como herói.

Ainda em diálogo com nosso escopo teórico, temos a teoria de Mary Douglas em *Como Pensam as Instituições*, que nos oferece espaço para analisarmos a forma pela qual as Instituições regulam e orientam os passos dos atletas, ao passo em que eles também – mesmo que inconscientemente – criem aspectos novos para os caracteres institucionais. Os atletas que colhemos os dados demonstram importância para a “instituição futebol brasileiro”. Primeiro, em um caráter formal: foram entrevistados por uma organização que visa compreender a história do futebol brasileiro, sendo um agente institucional que coleta memórias. E, em segundo lugar, como agentes que moldaram a as instituições que regulam o futebol brasileiro.



## 7. CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DO MITO DO JOGADOR COMO HERÓI

A romantização das dificuldades socioeconômicas no ambiente do futebol, possui, em termos macrossociológicos, consequências, tais como a ausência de políticas públicas para esse profissional, assim como de acidentes de trabalho ligados ao futebol. Tomemos como exemplo a tragédia ocorrida no Ninho do Urubu, centro de treinamento do Clube de Regatas do Flamengo (CRF), em 8 de fevereiro de 2019, quando dez meninos, de idades entre 14 e 16 anos, foram encontrados mortos no Ninho do Urubu, Flamengo. Segundo os veículos de comunicação, houve uma explosão em um aparelho de ar condicionado, causando o incêndio<sup>15</sup>.

O CRF é um dos clubes de futebol mais ricos do Brasil. O balanço financeiro do clube, em 2018, atingiu os R\$ 543 milhões, depois de um pico de R\$ 655 milhões em 2017<sup>16</sup>. O prestígio do Flamengo atrai muitos atletas e faz com que o clube seja potência no futebol de base.

No entanto, após o acidente, revelaram-se descasos profundos com os atletas da base rubro-negra: os jovens atletas viviam em condições precárias nos alojamentos, feitos em *containers*. Segundo o site G1<sup>17</sup>, o CT Ninho do Urubu não tinha alvará de funcionamento concedido pela Prefeitura do Rio de Janeiro, que multou o Flamengo e decidiu por interditar o espaço, que, mesmo assim, continuou funcionando.

As mortes dos Garotos do Flamengo ainda geram disputas judiciais entre o clube e os familiares das vítimas. Os valores das indenizações criaram uma celeuma: O Flamengo se dispôs a pagar entre R\$ 300 a R\$ 400 mil por família, negociado individualmente e não coletivamente. O Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro (MPT-RJ) sugeriu um valor de R\$ 2 milhões por família<sup>18</sup>.

Em 10 de outubro de 2019, o Flamengo ganhou uma ação na justiça e evitou apenhora da quantia de R\$ 100 milhões de reais às famílias das vítimas. A sentença publicada pelo juiz

<sup>15</sup> Acesso em 18/08/2021: O que se sabe sobre o incêndio do CT do Flamengo”. <https://veja.abril.com.br/brasil/o-que-se-sabe-sobre-o-incendio-no-ct-do-flamengo/>

<sup>16</sup> Acesso em 18/08/2021: “O Flamengo não investiu mais de R\$ 100 milhões em jogadores por acaso. Eis os números de 2018”. <https://globoesporte.globo.com/blogs/blog-do-rodriigo-capelo/post/2019/04/02/o-flamengo-nao-investiu-mais-de-r-100-milhoes-em-jogadores-por-acaso-eis-os-numeros-de-2018.ghtml>

<sup>17</sup> Acesso em 18/08/2021: “Ninho do Urubu não tinha alvará de funcionamento, diz prefeitura do Rio. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/02/08/ninho-do-urubu-nao-tinha-alvara-de-funcionamento-diz-prefeitura-do-rio.ghtml>

<sup>18</sup> Acesso em: “Flamengo quer indenizar famílias de vítimas de incêndio com o dobro da jurisprudência. <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,flamengo-quer-indenizar-familias-de-vitimas-de-incendio-com-o-dobro-do-valor-da-lei,70002734211>

do trabalho, Ricardo Georges Affonso Miguel, argumenta que o futebol de base não pode ser tratado como tema da justiça do trabalho, ao afirmar que essa categoria tem caráter recreativo:

*“Sendo assim, a atividade dos jovens de categoria de base de clubes de futebol está inserida no inciso IV, do art. 3º, da Lei Geral do Desporto, caracterizada por formação e com caráter recreacional ou recreativo, o que retira totalmente da natureza jurídica desta qualquer característica de aprendizagem. Posto isso, declaro a incompetência material da Justiça do Trabalho para julgar a matéria relacionada aos jovens em formação desportiva vitimados nas instalações da entidade de prática desportiva ré”.*

O episódio reforça nosso argumento de que jogadores de futebol são vistos como heróis; e se os heróis são imortais, isso explicaria, em alguma medida, a ausência de atenção às condições de trabalho destes. Aliás, é o momento de afirmar que não existe uma previdência social e uma legislação trabalhista específica para os jogadores de futebol no Brasil, conforme demonstrado em Varela (2019).

Finalmente, o item mostrou uma pré-disposição cultural do jogador de futebol para superar limites, tendo como referência seus atletas de sucesso. A busca romantizada pelo sucesso, aproxima-o do mito do herói; como consequência, afasta-o de políticas trabalhistas e previdenciárias, já que não existe uma política pública para essa categoria profissional. Em nossa perspectiva, a cultura do heroísmo ajudaria a explicar o funcionamento do mercado do futebol, já que a oferta de atletas é significativa no mercado brasileiro.

## **7.1 A saúde mental do jogador *versus* mito do herói**

Nos é pertinente ressaltar que, há em todo o mundo, casos que reforçam a ideia do mito do herói no futebol, não sendo algo relacionado apenas a atletas da realidade brasileira. Citamos como exemplo o caso do ex-atleta uruguaio Morro Garcia, que atuou por clubes de média e grande expressão do mercado sul-americano e que cometeu suicídio<sup>19</sup> devido a problemas emocionais relacionados à vida de atleta.

Recentemente, o atual treinador da Sociedade Esportiva Palmeiras, Abel Ferreira, lançou um livro “Cabeça Fria, Coração Quente”, no qual ressalta a importância da manutenção da saúde mental dos atletas que comanda, sendo ela responsável diretamente pelo sucesso ou insucesso de um grupo de jogadores de uma equipe. Compreendemos que, neste livro, além

---

<sup>19</sup> Acesso em 14/04/2022: Confirmado suicídio do uruguaio Morro Garcia, ex-Athletico-PR e ídolo do Godoy Cruz. <https://www.gazetaesportiva.com/times/athletico-paranaense/confirmado-suicidio-do-uruguaio-morro-garcia-ex-athletico-pr-e-idolo-do-godoy-cruz/>

das funções táticas e histórias paralelas contadas pelo treinador, a capacidade de sofrimento (resignação) e a forma com a qual o atleta lida com suas vitórias e frustrações, reforçam o mito do herói, conceito que trabalhamos em nossa dissertação.

A seguir, uma segunda variável que ajudaria a explicar o mercado do futebol no Brasil, a legislação flexível.

## 8. LEI BOSMAN E LEI PELÉ: FLEXIBILIZAÇÃO NA LEI DE TRANSFERÊNCIA DE ATLETAS

Um dos segmentos de mercado do futebol que mais cresce a cada ano é o mercado de venda e troca de atletas. Esse mercado, especialmente na Europa, soma um equivalente a 31 bilhões de reais<sup>20</sup> na última janela de transferências (JARDIM; VARELA, 2019). Entretanto, cabe ressaltar que o mercado de países emergentes como China e Índia, o mercado norte-americano e o que é chamado “mundo árabe” com a entrada de *sheiks* da área do petróleo, tem crescido a cada ano.

Em 2020 a empresa de auditoria e consultoria empresarial Deloitte (2020)<sup>21</sup>, realiza um estudo acerca das condições financeiras dos vinte principais clubes do planeta. Nesse estudo, foi detalhado criteriosamente o fluxo de dinheiro envolvido nas áreas que compõem o orçamento de grandes clubes de futebol. Essa consultoria é essencial para um primeiro contato sobre a formação financeira desses clubes, desde sua captação de recursos até os gastos envolvidos no gerenciamento do clube.

A receita somada dos vinte principais clubes do planeta, se consolidou em torno de 9,3 bilhões de euros na temporada de 2018/2019. A captação de recursos financeiros dos grandes clubes, segundo a Deloitte, é focada em três áreas: direitos de transmissão (*broadcast*), receitas comerciais (como vendas de artigos esportivos relacionados à mercado clube e/ou atletas do clube) e receitas de dias de jogos (como ingresso e alimentação). Entretanto, há uma hierarquização dessa captação de receitas. Segundo o estudo, os cinco principais clubes em geração de receitas (*Barcelona, Real Madrid, Manchester United, Bayern de Munique e Paris Saint-Germain*), tem como principal fonte de captação de recursos, em média 49%, das receitas comerciais. Enquanto os últimos cinco clubes dentre os vinte analisados (*Roma, Lyon, West Ham, Everton e Napoli*) tem, em média, 65% de todos os seus rendimentos atrelados a venda de jogos às televisões.

O estudo também demonstra que, mesmo entre os vinte clubes mais ricos do planeta, existe uma grande desigualdade econômica. O *Barcelona*, primeiro no *ranking*, tem uma renda de 4,1 vezes maior do que a do último entre os vinte clubes, o *Napoli*. Além disso, um clube como a *Roma*, com receitas avaliadas em 230 milhões de euros, sendo assim o décimo

---

<sup>20</sup> Acesso em 14/04/2022: Transferências internacionais em 2019 chegam a quase R\$31 bilhões, aponta relatório da FIFA. <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/gastos-com-transferencias-em-2019-chegam-a-quase-r-31-bilhoes-aponta-relatorio-da-fifa.ghtml>.

<sup>21</sup> Deloitte é uma das principais agências de consultoria de mercado do planeta. O trabalho da revista pode ser conferido no site da empresa: <https://www2.deloitte.com/br/pt.html>

sexto clube mais rico do mundo, está mais próximo da trigésima posição, do que da décima quinta posição do *ranking*.

Deste modo, a consultoria realizada pela Deloitte nos evidencia que a desigualdade econômica entre os clubes é real, a começar pela arrecadação de finanças para o funcionamento do clube/empresa.

Desde 2017, a transferência de atletas entre os clubes possui um importante marco na construção do mercado: a saída de Neymar do *Barcelona* para o *Paris Saint- Germain* pelo valor de 222 milhões de euros, referente a um contrato de cinco anos como clube francês.

Desde então, esse valor nunca foi alcançado, o que torna essa transação a mais cara da história do futebol. O efeito da transferência de Neymar desencadeou um processo inflacionário no mercado de transferência de atletas: das dez maiores compras e vendas da história, em valores absolutos, sete se deram depois da transferência de Neymar. Ou seja, a movimentação de valores causada por uma única movimentação financeira entre dois clubes, produziu um efeito cascata inflacionário em todo o mercado de transferências europeu, que culminou, no ano de 2019, com o maior mercado da história do futebol, com números estimados em 31,8 bilhões de reais, sendo que, 75% desse valor refere-se aos clubes ingleses, italianos, espanhóis, alemães e franceses.

Portanto, o mercado de transferência de atletas movimenta fortunas; para tanto, foi necessário modificações em seu marco regulatório ao longo dos anos, sendo a mais importante delas, a Lei Bosman de 1995. Trata-se de uma lei inspirada em Jean-Marie Bosman, ex-atleta profissional de futebol. A Lei Bosman modifica dois princípios tradicionais nas regras de transferência de atletas, que eram:

[...] pagava-se uma taxa de transferência quando um jogador tivesse seu contrato terminado e se quisesse mudar de clubes. Neste caso, tratava-se da tradicional venda do registro ou do passe do atleta de um clube para outro;

(2) as ligas de futebol operam sob um sistema rígido, com o controle protecionista sobre o número de jogadores estrangeiros que poderiam jogar em um único time, tinha-se o sistema de cotas para atletas estrangeiros que poderiam atuar em uma única partida (SIMMONS apud RODRIGUES, 2007, p. 91).

Para Rodrigues (2007), Bosman argumentava que as regras de transferência de atletas violavam o artigo 48 do Tratado de Roma, que garante o livre movimento de todos os trabalhadores europeus pertencentes à União Europeia. A regra de transferência passou, então, por uma significativa mudança: se antes o atleta tinha seu registro ligado exclusivamente ao

clube, e só poderia ser desligado ou ter seu contrato rompido a partir da vontade do contratante, com a Lei Bosman, o atleta passa a ter controle direto do seu registro. Assim, para transferir-se de um clube, basta ter a sua multa contratual paga pelo contratante.

Desse modo, a Lei permitiu significativa mudança no movimento de capitais e de direitos trabalhistas dos atletas do futebol europeu, onde a liberdade de contrato e de escolhas individuais passaram a ser respeitadas. Segundo Rodrigues (2007), após a Lei Bosman, houve crescimento de desigualdades salariais, com o aumento dos salários de alguns atletas. O autor acrescenta que a desigualdade produzida pela diferença salarial dos atletas é um problema que precisa ser considerado, pois o futebol é um esporte coletivo. Desse modo, não é possível mensurar objetivamente como um atleta contribui individualmente para o desempenho de uma equipe em campo, ainda que o atleta seja considerado acima da média de seus companheiros de equipe.

No Brasil, o mesmo processo de liberalização dos contratos dos atletas aconteceu em 1998, com a Lei Pelé, do mesmo ano. O então chamado Passe – referência ao vínculo clube-atleta – foi substituído pelo contrato. Da mesma forma, passou a ser garantido pela Lei Pelé, as normas gerais da legislação trabalhista e da seguridade social, como assegurado pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT); também passou a ser garantido pela Lei Pelé, que o atleta faça a gestão da própria carreira, ao mesmo tempo em que garante aos clubes, remunerações financeiras:

§ 5º O vínculo desportivo do atleta com a entidade de prática desportiva contratante constitui-se com o registro do contrato especial de trabalho desportivo na entidade de administração do desporto, tendo natureza acessória ao respectivo vínculo empregatício, dissolvendo-se, para todos os efeitos legais: I – com o término da vigência do contrato ou o seu distrato; II – com o pagamento da cláusula indenizatória desportiva ou da cláusula compensatória desportiva; III – com a rescisão decorrente do inadimplemento salarial, de responsabilidade da entidade de prática desportiva empregadora, nos termos desta Lei; IV – com a rescisão indireta, nas demais hipóteses previstas na legislação trabalhista; e V – com a dispensa imotivada do atleta (LEI PELÉ, p. 19, 2013).

A Lei Pelé modifica radicalmente a relação entre clube e atleta no Brasil e garante um sistema de capitalização do futebol, tornando o futebol uma prática que é, em primeira instância, econômica (ARAÚJO *apud* RUGGI, 2008). Tal característica da Lei Pelé permitiu o entusiasmo dos setores que defendem a liberdade de contrato no país. Nesse sentido, Luiz Fernando Bindí comparou, em 2001, a Lei Pelé com a Lei Aurea, pois liberta os jogadores das ordens espúrias dos dirigentes e do jogo cruel dos empresários (RUGGI, 2008).

Segundo Ouriques (1999), a Lei Pelé, criada sob a gestão do então ministro Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, representa a expansão de um surto mercadológico no futebol, que tinha se iniciado no final dos anos 1970. Ainda segundo Ouriques, a Lei Pelé traz em seu cerne, as reivindicações dos empresários do mercado do futebol.

Dito isso, o que defendemos nesse item, é que tanto a lei Bosman, de 1995, quanto a Lei Pelé, de 1998, flexibilizaram o mercado do futebol e marcaram uma profunda mudança na forma de gestão deste; no seu conjunto, as duas leis ajudaram na dinamização deste mercado após anos 2000, especialmente no que se refere às transferências de atletas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de mestrado trata do mercado do futebol, e busca identificarelementos não-econômicos que ajudam a construir este mercado. Como elementocultural, consideramos o jogador enquadrado no mito do herói; como elemento social, aflexibilização na legislação no que tange à transferência de atletas, o que levou a alta movimentação financeira neste mercado, a partir dos anos 2000.

Portanto, em oposição a um discurso da teoria econômica, que prega que todo mercado é assentado na racionalidade econômica, demonstramos que o mercado do futebol não se constrói em um vácuo social. Para além da racionalidade econômica, existiriam elementos sociais e culturais na fundamentação deste mercado e selecionamos duas variáveis (dentre as inúmeras outras existentes) para esse artigo.

No que se refere à variável cultural, identificamos uma pré-disposição cultural nos jogadores amadores ou profissionais para a romantização das dificuldades da profissão, aproximando-o de um herói. Contudo, ao ser tratado apenas como atividade cultural, de lazer e de recreação, o mercado do futebol, constituído por trabalhadores (atletas) e empresa (clube), dão a falsa impressão de estarem desenraizados do econômico; ao contrário, o que argumentamos é que é justamente esse eufemismo – o futebol como recreação – que leva a uma certa naturalização das dificuldades enfrentadas pelos atletas, desde questões salariais à condições de trabalho. A busca individualizante pelo sucesso e a negação das dificuldades, aproxima o atleta do herói; como consequência, afasta-o de políticas trabalhistas e previdenciárias, já que não existe, ainda, no Brasil, uma política pública para essa categoria profissional. Em nossa perspectiva, essa cultura do heroísmo ajudaria no funcionamento deste mercado, já que ofereceria uma larga mão de obra (barata) para este mercado.

Como demonstrado nos nossos levantamentos, tanto em narrativas de ex ou atuais atletas, famosos ou não, o atleta que pratica futebol carrega consigo características que ultrapassam as condizentes apenas com o esporte. Vidas com marcas de superação, de comprometimento com a profissão, disciplina e o sacrifício pela meta a ser atingida estiveram presentes em todas as narrativas demonstradas por nossa pesquisa, produzindo as nuances que compõe o atleta-herói: o ser humano que possui características físicas diferentes da maioria das pessoas, também possui uma trajetória não convencional, que produz emoções e atinge o sucesso.

No que se refere à variável social, expressa nesse artigo na flexibilização da legislação, apontamos que as leis Bosman de 1995 e a Lei Pelé, de 1998, marcam uma mudança importante neste mercado, sobretudo na forma de gerir o futebol. Essa mudança levaria a uma



dinamização desse mercado, com uma alta movimentação financeira, especialmente após os anos 2000.

O estudo dessas duas leis mostra que o mercado do futebol deu maior liberdade individual ao atleta, que passa a decidir por sua própria carreira. Em diálogo com a sociologia econômica, o que buscamos demonstrar é que, mesmo quando a dita “mão invisível” do mercado parece funcionar muito bem, ela não o faz de forma isolada; foi a partir dos Estados e da regulação dessa legislação, que o livre mercado se fez. Isso vaiem direção ao que nos ensinou Polanyi, a saber, que o mercado autorregulável em si, é uma utopia, já que, para existir, precisa se enraizar nas instituições sociais e culturais existentes; no caso estudado, o mercado autorregulável precisou do empenho dos Estados envolvidos.

Finalmente, em diálogo com os principais argumentos da sociologia econômica e com a teoria de Mary Douglas, sobre como as instituições pensam, defendemos que essas duas variáveis juntas - mito do jogador, como herói, que romantiza este esporte e a flexibilização da legislação que trata das transferências de atletas - ajuda certamente a melhor entender o poder econômico deste mercado, sobretudo a partir dos anos 2000.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Entre Deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 16, n. 2, 2004.
- ANTUNES, F. M. R. F. **Com o brasileiro não há que possa: futebol e identidade nacional em Jose Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues.** São Paulo: Editora Unesp, 2004.304p.
- BOURDIEU, P. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.** São Paulo: Editora Zouk, 2002.
- Brasil. **Legislação desportiva.** – 4. ed. – Brasília : Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2013. 90 p.
- CALLON, M. **The embeddedness of economic markets in economics.** In: CALLON, M.(Ed). The law of the market. Oxford; Blackwell, 1998. p.1-57.
- DOUGLAS, M. **Como Pensam as Instituições.** Coleção Sociedade e Organizações, sob a orientação de A Olivera Cruz Syracuse University Press, 1986. Editora Instituto Piaget, 2004
- DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios.** – São Paulo: Annablume, 2014.
- ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação.** Lisboa: Memória e sociedade 1992. 40
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador, volume I, uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar 1994.
- FERREIRA, Abel. **Cabeça fria, coração quente.** São Paulo: Garoa Livros, 2022
- FLIGSTEIN, N. **The architecture of markets: an economic sociology of 21st century capitalist societies.** Princeton: Princeton University Press, 2001.
- FRANCISCHINI, S. **A difícil nacionalização do futebol brasileiro: a era Havelange.** In: TOLEDO, L. H.; COSTA, C. E. (Orgs.). Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas. Editora Terceiro Nome, 2009. p. 169-197.
- GAIAD, M. **A sociologia das emoções em Eva Illouz: o fenômeno da literatura de autoajuda.** Araraquara: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, 2019.
- GRANOVETTER, M. **Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão.** RAE - eletrônica, v. 6, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://rae.fgv.br/rae-eletronica/vol6-num1-2007/acao-economica-estrutura-social-problema-imersao>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- HOLLANDA, B. B. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1988)**

/Bernardo Borges Buarque de Hollanda; orientadora: Margarida de Souza Neves. – 2008. 2 v. : il. ;30 cm Tese (Doutorado em História)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,Rio de Janeiro, 2008.

JARDIM, M. **A construção social do mercado de trabalho no setor de construção civil nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC): consensos e conflitos.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 30, n. 1, p. 165-187, 2015.

JARDIM, Maria Chaves. CANDIDO, Silvio E. A. **A sociologia econômica nos Estados Unidos: principais autores, conceitos e debates**, BIB, São Paulo, n88, 2019 pp, 1-23

JARDIM, M. C., & VARELA, T. G.. “**Elementos não-econômicos Na construção Do Mercado Do Futebol: Mito Do herói E flexibilização Na legislação**”. Revista Sem Aspas 8, no. 2 (dezembro 30, 2019): 258–275. Acessado março 21, 2021. <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/13556>.

KRIPNNER, G. R. & ALVAREZ. **Embeddedness and th Intellectual Projects of Economic Sociology.** Annu. Rev. Sociol. 2007. 33:219–40

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva.** Edições 70, 2008.

MERTON, R. **Theory and social structure.** New York: Free Press, 1968.

OURIQUES, N. **O gol contra do rei: a Lei Pelé e suas consequências.** Motriviência, Florianópolis, v. 11, n. 12, 1999

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas organizadas de futebol violência e auto-afirmação. Aspectos das novas relações sociais.** Vogal editora 1997

POLANYI, K. **A grande transformação: as origens da nossa época.** Rio de Janeiro: Campus, 1980. Wrobel. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

RAUD-MATTEDI, Cécile. **A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica.** Vol. 20 no. 57 fevereiro/2005

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro.** Editora Civilização brasileira S.A., 1964.

RODRIGUES, F. X. F. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006).** 2007. 346 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RUBIO, K. In: **Legados de Megaeventos Esportivos.** Editores: Lamartine DaCosta, Dirce Corrêa, Elaine Rizzuti, Bernardo Villano Ana Miragaya. Brasília: Ministério do Esporte, 2008

RUGGI, L. **Transformações legais nas transferências internacionais de jogadores de futebol.** In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6., 2008, Lisboa. Anais [...]. Lisboa, 2008.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF.** Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmiento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmiento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006, 176f.

SMELSER, N. J., & SWEDBERG, R. (2005). **Introducing economic sociology.** In: Smelser, N. J., & Swedberg, R. (2005). *The handbook of economic sociology*, 2, 3-25.

STEINER, P. **Altruísmo, dons e trocas simbólicas: abordagem sociológica da troca.** Cultura Acadêmica, Série Temas em Sociologia, 2016.

THE TREATY OF ROME ARTICLE 48. 1 – **Freedom of movement for workers shall be secured within the Community by the end of the transitional period at the latest.** 25 March 1957.

VARELA, T. **Jogadores de futebol como trabalhadores do esporte: aproximando aposentadoria e direitos previdenciários a partir da Sociologia Econômica.** 2019. Monografia – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2019.

## ANEXO I – Transcrições das entrevistas dos ex-atletas de sucesso para o CPDOC

### I) Ademir da Guia

**Bernardo Buarque** – E ela quando viu o seu interesse pelo futebol, depois até a sua profissionalização como jogador? ela apoiou...? A. G. – Ela apoiou, porque, na verdade, como nós éramos uma família de jogadores, tinha eu e meu irmão, e os dois começamos lá no Bangu, inclusive, e eles apoiaram bastante, toda a família apoiou. E além do seu pai, você tem outros parentes que também jogaram futebol, não é?

**Ademir da Guia** – Eles eram quatro irmãos. Os quatro jogaram, inclusive tem uma foto dos três irmãos no Flamengo, em uma equipe, em um time, não sei se foi 42 ou 43, não tenho certeza, mas tem uma foto dos três, que é difícil jogar três irmãos em uma equipe como o Flamengo, não é? [risos]

No mais, a gente escutava as pessoas falarem: “puxa, Domingos, você foi não sei o quê, o melhor e tal”. Então, ouvia muito lá no Rio, aqui em São Paulo também. Mas assim, ele não falava muito, ele falava sempre que ele foi o melhor da família [risos]. “Não, eu fui o melhor da família!”. E as pessoas sempre falavam isso também: “puxa, Domingos foi o melhor da família!”. Até que chegou um dia, uma pessoa falou assim: “Ademir, eu vi você e seu pai jogar, na minha opinião você foi melhor que seu pai” [risos]. Eu falei: “puxa, teve um que falou!”, eu falei: “então está ótimo, teve um que falou, está ótimo para mim ficou muito bom!” [risos].

Aconteceu o seguinte: nós fomos campeões, 59, e como tinha essa excursão, fomos campeões no final do ano, tinha essa excursão para Nova York, fomos relacionados quatro, e disseram lá que a gente ia ter uma diária de quatro dólares. – “Puxa, quatro dólares, vão pagar pelo dia”, já deram os dólares para a gente, aí fomos para o Galeão, Super Constellation, aquele avião grandão. Andamos 24 horas de avião para chegar em Nova York, aí a gente dormia, acordava, não chegava nunca [risos], o avião estava parado lá, o pessoal: “Ademir, pode abrir a janelinha!” [risos] e eu ficava quietinho ali né. Aí chegamos em Nova York, aquela cidade lá espetacular, a gente treinava no campode, acho que era pólo, porque não tinha campo de futebol, fizeram uma adaptação. E lá tinha o Sampdoria, tinha o Sporting, tinha time da Escócia, da Suécia, tinha vários times, e a gente não sabia falar também, a gente aprendia algumas palavrinhas, “How much”, coca-cola a gente pedia toda hora né, coca-cola [risos]. Mas foi uma coisa sensacional, nós ficamos um mês em Nova York, na rua 42, toda hora a

gente estava na rua 42, e foi uma coisa assim sensacional, porque a gente sair de Bangu, parar em Nova York, ver todauma cidade espetacular, nem Gávea, nem Flamengo, nem Botafogo eu conhecia [risos]. A gente ia lá jogar contra o Fluminense, nas Laranjeiras, jogamos contra o Flamengo, naGávea, contra o Vasco, lá em São Januário, mas não tinha assim, não conhecia direito o Rio. Ai se vê lá em Nova York, sendo campeão, e eu fui escolhido o melhor jogador do torneio, ai na hora lá me deram um envelope cheio de dólares, eu guardei, pensei comigo: "deve ter bastante dólar!" [risos]. Quando cheguei lá no quarto do hotel e tal, "o melhor jogador do torneio", ai quando eu fui abrir, eu vi que tinha um dólar só[risos]. Eu fiquei decepcionado, podiam ser dois mil dólares, estava pronto para comprar um monte de coisas. Mas ai fomos campeões, pegamos um jato, nove horas estávamos descendo no Galeão. Como é bom ser campeão, não é?! [risos] A gente levou 24 horas de Super Constellation para chegar lá, e a gente já começou a perceber que ser campeão era importante né. Mas foi uma coisa espetacular, e com o Bangu a gente viajou bastante, porque, você vê, isso foi em 60, em 61, nós fomos convidados, como nós fomoscampeões, nós voltamos a Nova York novamente. E depois o Bangu fez uma excursão que começou em Portugal, não, aliás, nós fomos para Portugal, fomos jogando, Portugal,Espanha, Suécia, Inglaterra, fomos indo até a Suécia né. E depois nós fomos para a Holanda, viemos para Nova York para o torneio, então a gente viajou bastante com o Bangu também. Isso tudo de 60 a 61, porque em agosto, o Bangu vendeu o meu passe para o Palmeiras. Depois, quando chegamos, também fomos para o Norte, que o Zizinhoera o técnico, então viajamos bastante nesses..., no ano de 60 e 61, até agosto

Então, é..., eu, lá em Bangu, eu tinha uma vida tranquila, porque você jogava e você não precisava ganhar. Você tinha os colegas, você jogava no Maracanã de vez em quando, mas era tudo mais juvenil mesmo, porque nós passamos para o profissional, masnós não éramos titulares, jogávamos esporadicamente, quando machucava alguém, então não existia ainda esse comprometimento de contrato, de ganhar dinheiro, não tinha isso ainda. Quando aconteceu o contrato com o Palmeiras, o Bangu vendeu o meu passe, achoque foi três milhões e oitocentos, ai já mudou tudo, porque você tinha um contrato, cheguei aqui em São Paulo..., eu tinha assistido, em 59, a final do campeonato, Palmeirase Santos, quando o Palmeiras foi campeão, ganhou do Santos, gol de Romeiro, de falta, foi dois a um tal, eu tinha assistido, e o Palmeiras tinha uma equipe sensacional. O ataqueera Julinho, Américo, Vavá, Chinesinho e Geraldo II. Então jogava Valdir, Djalma Santos, Carabina, Valdemar e Geraldo Scotto, Zequinha, Chinesinho, então era uma equipe, tinha sido campeã, ganhou do Santos. Então, quando eu cheguei aqui, na verdade eu fiquei assustado com a proporção do estádio, o pessoal que ia, que gostava do Palmeiras, fanáticos, tudo isso me assustou muito. O bom é que eu não

precisei jogar, e tive um tempo, porque, Chinesinho, por exemplo, que jogava, ele não dava chance, ele jogou, em 61, quando eu cheguei, Campeonato Paulista, você não trocava, não tinha reserva. A gente concentrava, ia para o vestiário na hora do jogo, os 11 que iam jogar trocavam, e os outros iam lá para cima, se machucasse alguém, ficava com 10 jogadores, não podia trocar, e o Chinês jogava o ano inteiro. Eu só tive chance, porque o Chinês foi para a Copa do Mundo e foi vendido para a Itália.

Então eu tive esse tempo, um ano, um ano e meio, para me adaptar mais ao futebol paulista, que era um futebol assim de que corria-se mais, mais marcação, as equipes do interior eram muito fortes, então para mim foi muito bom, que vinha de um futebol carioca mais tocado, mais tranquilo, então foi muito bom essa..., eu não precisar entrar na hora que eu cheguei, eu pude me adaptar, então foi importante isso.

**B. B.** – E em algum momento você teve alguma atividade fora do futebol, de trabalho, ou não? Na fábrica, ou em algum outro...?

**A. G.** – Então, você sabe que..., eu fui aprender, teve uma época, antes de eu começar a jogar, eu fui aprender desenho mecânico na fábrica. Fiquei três meses lá, mas não consegui entender nada [risos], porque meu pai era muito amigo do doutor Guilherme da Silveira, inclusive ele, depois que meu pai parou, ele arrumou um emprego para o meu pai, então eles eram muito amigos. Ele era uma pessoa assim..., ele sempre ajudou o clube, tanto deu o espaço, deu tudo, ele sempre ajudava o clube também

**B. B.** - Você falou do carnaval, tinha também essa influência das escolas de samba ali em Bangu?

**A. G.** – Tinha, as escolas de samba, tínhamos o nosso bloco. O samba estava nas nossas raízes né. Até hoje, a gente quando vê o carnaval, vai direto para a avenida.

**B. B.** – Você gosta?

**A. G.** – Adoro [riso].

**B. B.** – E tinha esse sentimento de vibrar, de vestir a camisa? A vitória da Seleção Brasileira era importante, você acompanhou como torcedor? **A. G.** – Ah, sim. A gente já acompanhava, já vibrava, era importante para o Brasil ser bicampeão, naquela época. E já tinha alguns amigos nossos que estavam lá, estava o Djalma, estava o Chinês, tinha vários colegas nossos, já estava aqui com não sei quantos milhões de habitantes, tinha uma música, 90 milhões de habitantes, se não me engano. Realmente era importantíssimo que o Brasil ganhasse

**A.G.** – Então, inclusive, o apelido de “divino mestre” pertence ao meu pai, ele recebeu esse apelido quando ele jogou no Uruguai, colocaram “divino mestre”, e quando eu cheguei aqui no Palmeiras, em 61, os jornalistas colocaram: “Palmeiras contratou o filho do ‘divino’”, então o apelido eu herdei dele também, pertence a ele

**B. B.** – E quando você foi lembrado para a Seleção Brasileira? **A. G.** – Então a Seleção é assim..., era importante eu poder chegar à Seleção, disputar um campeonato mundial, porque, o meu pai tinha jogado em 38, na França, então eu tinha esse desejo de que pai e filho pudessem estar participando de uma Copa do Mundo. E quando eu fui convocado, em 74, eu fiquei muito contente, porque eu vi essa possibilidade de estar jogando. Joguei o último jogo, que foi terceiro e quarto, Riva era o titular, quando nós chegamos, o Zagallo falou para mim: “Ademir, o Riva ainda é o titular, eles vinham de 70, jogaram 70, foi um campeonato espetacular, fomos campeões mundiais”, e eu falei: “olha, Zagallo, eu vou estar aqui, se precisar a gente vai estar junto com o grupo”, mas a Seleção é uma coisa muito diferente, é diferente de tudo, só você estando lá para você poder sentir a alegria das vitórias, a tristeza da derrota, e para mim era importante eu poder participar. E surgiu essa chance de jogar contra a Polônia, então para mim foi importantíssimo, porque assim nós ficamos, os dois, meu pai e eu, tendo essa possibilidade de estar indo para a Copa do Mundo, era também um desejo que eu tinha, me esforcei muito para poder merecer isso, então foi uma coisa que eu consegui também no esporte

**A.G.** – Então, aconteceu que, quando nós voltamos, o Palmeiras em 75 mudou totalmente, saiu o Leivinha e o Luis Pereira, foram para o Atlético, Dudu parou, o Eurico, o Zeca também saíram, ficou o Leão, fiquei eu, o Nei e, o Edu, ficaram só quatro. Aí veio

o Jorge Mendonça, veio o Toninho, veio o Pires, veio da equipe de baixo, o Valdir também, o Ricardo. A equipe mudou, o Dudu começou como técnico, mas em 76 nós fomos campeões paulistas, com uma equipe totalmente mudada, com alguns jogadores que, Jorge Mendonça vinha jogando muito bem, e em 77 eu parei. Eu tive um problema de respiração, secava a garganta, eu tive que parar, mas vinha jogando bem, estava jogando bem, estava preparado para deixar o Corinthians mais um ano na fila [risos]. Mas aí, em agosto eu tive um problema, não consegui continuar.



**B.B.** – Ter parado de maneira, até certo ponto precipitada, te frustrou, te gerou uma revolta, e por um problema de saúde? Foi algo que você não esperava, não estava nos seus planos, como foi?

**A.G.** – Eu não esperava, porque eu vinha jogando bem, e estava uma boa equipe também, a gente estava jogando, tinha sido campeão em 76, a equipe vinha melhorando, mas surgiu e a minha preocupação já foi assim, porque quando surgiu o problema, o doutor falou: “Ademir, vai procurar um médico”. Aí eu fui, e o médico falou: “vamos fazer uma operação”. Então a gente tinha essa expectativa de operar e voltar, mas aí operei em 78, não fiquei bom, depois operei em 80 novamente, também não..., melhorei assim para viver, mas não para jogar futebol. Fiquei 20 anos fora do futebol, em 55, 56, 57 anos que eu comecei a voltar a praticar um pouquinho de esporte, mas foram 20 anos que eu fiquei afastado.

O problema do futebol é esse, a gente tem um contrato, você para então você termina o seu contrato. Se você está ganhando um valor, você passa a ganhar nada. Agora, na verdade, eu sempre fui uma pessoa muito econômica. Tem gente que fala: “puxa, Ademir, você não gasta nada” [risos]. Não sou de gastar mesmo. Então eu comprei alguns apartamentos, depois a gente começou a vender apartamento, e naquela época, eu tinha uma casa aqui no Pacaembu, e eu tinha trocado nossa casa por um apartamento ali na Paraguaçu, mas o apartamento era muito grande, e ele demorou muito a ser entregue, depois eu não consegui ficar com o apartamento. Mas, graças a Deus, por ser uma pessoa que não sou de jogar dinheiro fora, porque eu acho assim, na minha vida, as coisas..., eu dei muito valor porque a gente trabalhou muito, a gente veio de um bairro pequeno, saí de um clube que você vivia tranquilo, fui enfrentar um Palmeiras que era trabalho, luta e vencer, então eu sempre dei muito valor as coisas que aconteceram, as dificuldades que a gente teve, então até hoje, por exemplo, eu tenho muitos convites para estar participando de jogos, e nesses jogos sempre a gente ganha alguma coisa, então é tudo muito difícil. Eu tinha os apartamentos, a gente teve que vender, fazendo outras coisas, uma coisa que depois também eu continuei, porque a gente para se aposentar, tem que pagar durante trinta e poucos anos, então eu comecei a trabalhar com escola de futebol, aí comecei a trabalhar em algumas empresas de vendas, para a gente conseguir mais 10 anos para a gente poder se aposentar. Então tudo isso eu fui fazendo para a gente ter alguma coisa, o importante é você não ficar parado. Mas é claro, se você ganha um valor e você para de ganhar, as dificuldades normalmente vem. Mas eu, graças a Deus, estou fazendo 50 anos de São Paulo agora, continuo trabalhando, continuo vivendo aqui, a gente tem só que agradecer a Deus por tudo que aconteceu.

**B.B.** – Você casou, teve filhos?

**A. G.** – Casei uma vez, casei duas vezes, não quero acho que ir para a terceira não, porque depois você tem que dar muita pensão [risos]. Tenho dois filhos, tenho uma menina, tenho uma netinha de cinco anos, então estamos aí na luta

## II) César “Maluco” Lemos

**César “Maluco” Lemos** – Então, meu pai era um comerciante, pobre, como minha mãe também, batalhador. Eu coloquei muitos anos essa barriguinha aqui, esse umbigo, no balcão, com meus 11, 10 anos, que na época, da década de 60 já fui bookmaker. Fiz jogo de bicho, que o meu pai fazia jogo de bicho também sábado e domingo, quando não trabalhava, que meu tio era banqueiro, o meu tio era banqueiro debicho. Eu era o cara que fazia corrida de cavalo, quando estava muita gente e tal, fazia corrida de cavalo e jogo de bicho, mas era aquele moleque que como andava muito na praia, lá em Niterói, ali na Coronel Miranda, o meu pai falava: “Olha, fica você lá na esquina pra ver se vem a polícia.”. E eu ficava na segunda quadra, ali na outra esquina. Vinha um cara de paletó e chapéu, era polícia. Aí saía correndo e falava: “Polícia, polícia!”. Todo mundo escondia tudo e tal. [Risos] Eles vinham até com aqueles carros grandes e tal. Muitas vezes vi carro cheio de policiais, levando tudo lá do meu tio e tal, ficava até meio triste porque eles levavam o que podiam levar, e eu fui aquele moleque, no tempo que o bicho, o resultado, colocava no poste, aquele poste preto, colocava lá o resultado. Todo mundo esperava eu vir para colocar, mas era uma coisa. O meu velho foi a coisa mais linda do mundo, o meu velho foi o maior incentivador meu. Eu dei o meu primeiro pontapé na minha gloriosa vida, porém, nunca nos faltou comida; sapatinho sempre faltava, andava descalço, sapato furado, tinha que pular sempre uma poça, quando chovia não podia sair de casa com os meus irmãos. Então, eu sendo o primeiro a apanhardos irmãos, só da minha mãe, que o meu pai nunca encostou a mão na gente, minha mãe além de dar na época, década de 60, nossos pais davam tapa na gente para corrigir, era uma educação, não é como hoje. Então a gente respeitava muito, muito, mas foi a coisa mais linda do mundo, foi a coisa que eu perdi. Até hoje eu sinto, porque minha mãe morreu com 66 e meu pai com 74, e eu com 66 ainda sinto e já faz 20 anos que eles faleceram. 18 anos e tal. Então eu fui o paizão mais velho.

**C.L** - (...) O futebol está por baixo, bem lá por baixo por quê? Está por baixo porque existe um grupo de pessoas que fazem o futebol. Futebol hoje é o maior empregado mundo. Faz o futebol ser emprego, homens que não são do ramo estão no ramo pelo voto, pela amizade, pela negociação. Essa lei Pelé, Pelé de tanto ser prejudicado ele colocou a lei Pelé

que favorece, desfavorece o clube, o clube não tem a vida que tinha ontem, porque o Pelé falou: “Pô, eu fui tão roubado rapaz, aprontaram tanto comigo que eu vou dar uma deixa deles.”. E acabaram favorecendo homens que não são do meio, pegando... Mas o culpado também é o jogador, são os pais, que dão liberdade a determinado elemento, porque é amigo, é dono de um bar e passa a ser empresário do garoto para ganhar uma fortuna e o garoto ganha 30%. Podia estar ganhando muito mais. Então o clube e o dirigente estão pagando o que eles fizeram ontem, só tem que alguns... O interior era o celeiro do futebol, o celeiro do futebol, então hoje o dirigente faz o quê? Então faz o seguinte, eu sou o negociante, tenho uma firma, sou empresário do Caio Cambalhota, você é o presidente: “Oh Caio, precisamos acertar com o Flamengo, e aí?”, aí eu falo: “Presidente do Botafogo, como é que faz?”. Para encurtar, você ganha, você como presidente, diretor, ganha, eu ganho como empresário e o Caio ganha o resto. E o clube? E a instituição?

**C.L** - (...) Não, nunca tive. Eu aprendi isso com o Almir. Eu era um cara medroso. Quando eu jogava praticamente no Canto do Rio, eu era mais... Não de choque. E Almir me ensinou, quando eu comecei a jogar com ele começou a me ensinar a ser mau. Mau no bom sentido. Sempre primeiro eu, a dividida é minha e não ter medo de ninguém. Aquilo pegou, cara. Parece até uma doença. Pegou e eu ia para cima de qualquer um e depois, vindo para cá. Em 1968, na minha volta voltei a morar no hotel, no Normandie. Conheci um professor de caratê, que hoje é falecido, o professor Aldo Borges Campos, Shotokan. Eu fiz em 1968 e me formei em 1977 no caratê. Dei aula... Fui prejudicado, dizem, o Brandão, falecido, que por causa das brigas eu me prejudiquei um pouco. Dito por ele. Eu acredito que não. Mas me ajudou bastante a não ter contusões.

**C.L** - (...) autêntica. E isso talvez que o pessoal achou que era meio agressivo nas minhas respostas. Mas não é por aí. Faça uma pergunta legal que vai ter uma resposta legal. Ainda mais se você fizer uma pergunta grossa para um cara milionário, ele vai rir vai embora. Mas eu que nasci na terra, não nasci no asfalto, você já vem revoltado, não é? Você encontra um cara que já foi na mesma situação sua e te fazer uma pergunta... Entendeu? [Risos] Porque a maioria das pessoas, nem sempre são todas, às vezes também numa situação pior do que a minha, ou de outros colegas que passaram pelo futebol, a primeira pergunta deles: “Você ganhou dinheiro?”. Às vezes, o cara está pior do que eu, mas eu penso, não falo nada. “Deu para ganhar um pouquinho, deu”. Na década de 70. Cara, eu parei faz quase 40 anos! Futebol há 40 anos atrás era duro, cara. Deu para entender? Agora, o cara quando tem dinheiro, que ganhou dinheiro: “Você ganhou dinheiro?”. Esquece dinheiro, cara. Às vezes o cara tem dívida para pagar para chuchu, o maior estelionato aí e está vivendo... Porque o mundo

é esse, o mundo é do estelionato. Você vai Alphaville afora, Copacabana, Ipanema, aquelas casas bacanas, as mansões. É tudo estelionato. Tudo! Eles estão sempre numa boa, espaço bom. E você que está o dia a dia ali, tem que pagar, tem que segurar bronca e tal. Você vive a sua... Eu não quero saber quem ganhou, quem não ganhou, eu quero é levar a minha vida. Eu tenho a minhavida, não procuro saber se fulano está bem, ou está mal. Para mim todos os colegas estão legal. Nós tivemos nossa passagem pelo futebol. Eu acho que tivemos uma passagem pelofutebol que não tinha patrocinador, não tinha direitode arena, não tinha nada. Eu no Palmeiras... Você sabe que eu e muitos jogadores nunca recebemos, o próprio Djalma Santos e outros jogadores, nunca recebemos fundo de garantia. Joguei no Palmeiras dez anos. No Flamengo nunca recebi fundo de garantia. É duro, rapaz. Vivemos no mundo cão. E era marginalizado, o jogador de futebol. Eu, quando vim para São Paulo, estava com essa que foi minha mulher, a Tereza, logo nos anos 70, fui numa festa na casa de um amigo palmeirense, no Morumbi. Ele me convidou e eu fui, e estava com ela. A empregada começou a me cumprimentar, falando que era palmeirense. Eu já estava com nome, 1970. Já tinha sido citado para a Copa do Mundo. Eu tinha um nome já, era praticamente ídolo do Palmeiras. E eu fui lá conversar com a empregada dessa casa. Umacasa grande, com espaço bom. Na época devia valer uns 4 milhões, casa de valor, com mordomo e tal. Não era muito gostosa também, a dona da casa. A empregada era melhordo que ela. Aí eu fui cumprimentá-la, dei autógrafo... Sei que ela chamou o marido dela e falou: “Esse cara é jogador de futebol, não é?”. E ela estava rindo para mim toda hora, falando para as amigas dela... Mandou me tirar da casa. Nunca falei isso para ninguém. Eue a Tereza saímos, um colega meu depois falou: “A mulher e tal, porque você é jogador de futebol.”. Entendeu? Imagina o que PC passou, cara. O Paulo César é meu irmãozão. E outros colegas passaram, que eu não gosto de contar para vocês. Vocês não são sabedores do que é os bastidores do futebol, rapaz. Um monte de mentira. Eu estou fazendo o meu livro aí, a minha história. Mas eu quero 90 por cento do livro, eu quero participação dos colegas também que jogaram comigo, que deram depoimento. O Santos deu um depoimento, o Durval, que é o meu irmãozão, o Coutinho, e outros colegas meusque jogaram. Tem muita coisa que eu também não lembro. E eles falam que eu fiz tanta coisa que eu quero que faça parte do livro. De 90 por cento, porque eles vão ganhar dinheiro também. Não é só o cara que vai e pá, não é por aí.

**Bernardo Buarque.** – Jogador era mal visto, mau caráter, cafajuste e muitas famílias eram contra...

**C.L.** – É. E você vê, a própria sociedade, a sociedade faz o cidadão. Faz o homem. Não é verdade? Agora, o homem não vai fazer uma sociedade. O próprio policiamento, hoje está

aberto, todo mundo conhece todo mundo. Quantas vezes vários colegas foram parados numa São João, numa Ipiranga, numa Copacabana, mão na cabeça, porque é negro. Porque é jogador de futebol. Bota a mão na cabeça em cima do carro, os homens todos em cima, que na época a polícia era outra. Hoje é mais devagar. Hoje o cara: “Pô, desculpa, é artista e tal”. Vamos citar na década de 68: “César Maluco, o cara é louco.”. Porra, você me conheceu? “Não, a minha filha não vai casar com esse cara! O cara é louco.”. Pô, se chamasse de veado você tomava um soco na cara. “Ô veado”. Nego ‘pum’ na sua cara, na sua boca. O Armando gostava. O Armando Marques gostava. Um monte deles aí. Porque virava atração e ele queria ser atração. Hoje, chamou de veado é glória. O cara dá risada. Não tenho nada contra, mas eu acho que tem que ser respeitado. Eu estou falando em épocas, de 60 para hoje. Hoje o cara é veado, é artista, hoje o cara aparece na televisão e fala que é bi. Para ficar na história. Ontem, se você tem uma família, pô, vai deixar até de andar com o cara. É por isso que eu falo, é uma época ruim a nossa. Entendeu? Era duro. A liberdade de você ter tua casa era muito mais fácil. Você andar com seus filhos no meio da rua era mais fácil. A segurança era mais. Na década de 60 você podia dormir de janela aberta. Hoje não pode. Ontem, se você fizesse mal a uma menina de 16, até 20 anos, a menina virgem, você tinha que casar.

**B.B.** – Causava furor um negro com uma loira, por exemplo?

**C.L.** – É isso. Aí era um escândalo. “Por que ele estava com aquela loira?”. E a loira, talvez, na época, era chamada até de mulher da noite. Se o César estivesse com uma loira: “Essa é menina da noite.”. Hoje, não. Mas ontem era assim. Era um respeito, não é, cara. O próprio pai, a mãe não queria que a filha casasse... “Não, você vai casar com uma menina de cor, como você”.

**B.B.** – Um outro ponto polêmico, já que você tocou no assunto: existia homossexualismo no futebol?

**C.L.** – Olha, na minha época do Flamengo eu era sabedor que tinha um ex-goleiro do Flamengo muito antigo, que trabalhava com joias e tal, que teve esse pequeno problema. Só. Depois tinha um pelo nordeste, na época do Campeonato Brasileiro, outro lá no norte, no nordeste... E depois veio para capital. Uns quatro, cinco...

### III) Paulo Roberto Falcão

**Paulo Roberto Falcão** - Meu pai trabalhava, motorista de caminhão, viajava esse Brasil inteiro e depois trabalhava para empresa de cargas. Minha mãe, costureira... e as dificuldades

normais de toda família, a maioria das famílias brasileiras...

**P.R.F.** - Mas minha vida inteira eu vivi no Rio Grande do Sul, não é, basicamente em Niterói, Canoas. Canoas para você ter uma ideia está a 15 minutos do aeroporto, 20 minutos do centro de Porto Alegre

**P.R.F.** - (sobre a primeira casa que comprou com o dinheiro do futebol) Então essa é uma história que eu conto, não é, porque a história que me deu uma consistência como ser humano, de valorização do dinheiro, é... De valorização de trabalho, honestidade, que era o que meu pai me passava, não é? Essa luta que ele tinha, diária, de trabalho de...

**P.R.F.** - Conheci as duas avós maternas, não é, porque eu... A paterna eu não conheci. Não conheci nenhum avô. É... Que eu acho que é uma falta, não é? É... Embora tenha feito 16 anos de análise, eu acho que é uma falta, porque o avô é a figura importante, não é, como a avó e tal... mas eu só tive duas avós. E a minha avó, parte de mãe, era quem eu dava... que era a que estava um pouquinho mais próxima, porque ela morava em Porto Alegre. E eu, todo campeonato que eu ganhava, o calção eu dava para ela e a camisa para a minha mãe. [risos] E... Enfim, mas foi essa relação muito boa

**P.R.F.** - Tanto é que depois quando eu comecei a jogar, até 18 anos eu achei que eu não ia jogar por profissão. Porque eu olhava o time de cima, só tinha jogadoraço, não é? E eu dizia: “Como é que eu vou jogar nesse time?” E eu tinha muita... O que é que eu pensava na época? Eu queria era jogar até profissional do Internacional, que na época eu acho que era 18 anos. No momento de subir eu queria ser emprestado, porque eu olhava no time de cima e na minha casa... Na minha concepção era difícil arrumar um lugar para jogar e eu não queria ficar me enganando na minha cabeça. Jogando, jogando para os reservas e não sair daqui. Daí eu já queria abreviar um pouco a minha... Então eu digo: “Bom, eu vou com 18 anos, quando eu sair e subir ao profissional, vou jogar em um time aqui perto de Porto Alegre...”, que hoje é o Novo Hamburgo, na época era Floriano o nome, “jogar ali porque perto de Porto Alegre, eu posso trabalhar, estou... Jogar de manhã vir e cursar a minha faculdade.” Aí, usar o dinheiro ganho no futebol para pagar a minha faculdade. E a hora que tivesse terminado a faculdade eu ia parar de jogar e ia tocar a minha vida, não é. Eu pensava em fazer Psicologia na época. É... Só que... Como é que mudou isso? Quando eu fui convocado para a Seleção Brasileira da categoria, porque aí quando seu Antoninho veio aqui em Porto Alegre, que era o treinador da Seleção, para ver a gente e eu me lembro que a gente foi... Não tinha jogo, estávamos de férias. Já era dezembro, eu acho, janeiro. Aí ele chamou o Manoel que era centroavante e jogava conosco, e eu, e nós fomos no Beira-Rio e fizemos um teste. Eu contra o Manoel,

porquênão tinha outra maneira. Ele deu uma bola. Só que era um pavor porque o Manoel era um jogador de uma velocidade impressionante, jogador que tinha uma ginga de corpo incrível, jogou muito tempo no Internacional, mas depois foi, acabou... Jogou muito tempo em Portugal. Mas era muito difícil marcar o Manoel e de repente eu estava na frente dele. E eu estava jogando ali a minha convocação, na minha cabeça, não é? E aí batemos e tal bola para cá, para lá. No fim eu fui convocado para a seleção

**P.R.F** - Lembro, eu me lembro bem. Me lembro, é... Foi, me lembro porque nós tivemos jogadas do Pelé, que foi sempre o meu, a minha grande referência, não é? Pelé sempre foi uma referência minha dentro e fora do campo, não é, porque era... E me lembre de 70, me lembro da Copa inteira, das jogadas e tal e... ali eu já estava beirando o juvenil. Estava a 2, 3 anos do profissional. Então acompanhei toda Copa e na época passava alguns jogos no cinema, depois, a campanha, aquelas imagens maravilhosas e tal. Então a de 70 eu acompanhei bastante bem.

**P.R.F** - Quer dizer, então o Internacional criou um respeito ao longo desse tempo e começou a ser olhado um pouquinho... Porque o Rio... Na época futebol era muito Rio São Paulo. Muito, muito, muito. Não existia Rio Grande do Sul, não existia Minas. Era muito. E na seleção se sentia isso. Tinha muito isso, não é. Muito Rio- São Paulo, São Paulo - Rio. Então o Rio Grande do Sul começou, não é, a mudar isso. Começou a se olhar para o Rio Grande do Sul com esse, com essa um pouquinho, diferente quando o Internacional começou a se impor no futebol nacional. E depois também, Minas Gerais começou a se impor com vitória, por exemplo, de Libertadores do Cruzeiro.

#### **IV) Eduardo Gonçalves de Andrade – “Tostão”**

**Tostão** - Eu nasci em Belo Horizonte, morei ali dois anos na Floresta que é um bairro tradicional de Belo Horizonte. Fui, com dois anos, para o IAPI que era um bairro na Lagoinha, tem um conjunto de nove prédios. Para você imaginar, são novecentos e noventa e nove apartamentos interligados por pontes e no centro desse conjunto tinham vários campos de futebol, tinha campos gramados, campos cimentados. Então, isso tudo propiciou que eu caminhasse para o futebol, gostasse de jogar futebol e me tornasse jogador. Então, foi nesse ambiente. Somos quatro irmãos, eu o mais novo. O meu pai era bancário, trabalhava no Instituto de Aposentadoria e Pensões Bancárias, esse prédio, construído para os bancários morarem. E, então, morei ali dez anos.

**T** - Éramos quatro, eu o mais novo. Isso também me ajudou a ir para a carreira de

futebol, porque os três eram mais velhos, todos os três trabalhavam para ajudar os meus pais a ter uma renda melhor e eu ali pequeno fui protegido tanto emocionalmente como também materialmente para que eu pudesse ali brincar, não precisar trabalhar tão cedo como eles fizeram e poder estudar, aí mais tarde encaminhar para o futebol.

**T** - A minha mãe foi funcionário dos Correios em Belo Horizonte para também aumentar a renda familiar. Ela trabalhava ali no centro da cidade e eu tenho uma grande lembrança: eu era muito pequeno – não me lembro a idade, mas muito pequeno – como ela não tinha ninguém para me deixar, os meus irmãos já saíam, tinham seus compromissos, eu ia com ela para o Correio. Então, enquanto ela trabalhava durante o dia, acho que na época era um horário só, no outro eu estudava, eu ficava ali quatro, cinco, seis horas com ela acompanhando. Inclusive tinham aquelas máquinas para selar as cartas e a máquina tinha que carregar, levar não sei onde, lá no próprio correio para carregar. Então eu levava a máquina, descia elevador, subia, bem pequenininho ficava ali ajudando ela.

**T** - Além dos meus irmãos gostarem de jogar, já jogavam nos times lá uniformizados do bairro, o meu pai foi apaixonado pelo futebol. O meu pai, na época do amadorismo, jogou no América Mineiro, era torcedor do América. Então, a partir aí dos sete anos ele me levava para ver os jogos do América, até treinos do América

**T** - Eu sempre estudei. E quando era essa fase de bairro, mesmo no Cruzeiro, no futebol de salão, mesmo no juvenil do América, a minha visão de vida era formar, ser um profissional liberal. O futebol eu via apenas como uma diversão. Não tinha nenhuma ideia fixa de ser jogador apesar de todo mundo dizer que eu tinha tudo para ser um bom jogador. Então, eu joguei... Quando eu assinei o contrato de profissional com o Cruzeiro, com dezesseis anos, eu estava já no primeiro ano do científico do colégio estadual, que era colégio público também. Durante três anos – primeiro, segundo e terceiro ano – eu era jogador do Cruzeiro e estudava. A minha preocupação não era ser um jogador de futebol, o meu pensamento era ser um profissional liberal; um engenheiro, médico, na época não sabia ainda. Aí com dezoito anos eu já estava começando a jogar na seleção brasileira. Quando eu terminei o curso científico, para fazer o vestibular, eu tinha que tomar a decisão, não é? Como eu já era um jogador conhecido nacionalmente, já estava na seleção, todo mundo dizia que eu ia ser um grande jogador. Já jogando no Cruzeiro. Isso antes do Mineirão, prestes começar o Mineirão. Aí que eu tomei a decisão, terminei o curso, não fiz o vestibular e falei: “Vou me dedicar a carreira de jogador”. Eu parei de estudar. Então com dezoito anos, eu ainda no Cruzeiro... Na verdade foi uma carreira curta, porque com vinte e seis anos eu estava parando de jogador por causa de



problemas que eu tive na vista e tive que parar. Joguei durante dez anos. Quando eu parei de jogar futebol eu retomei o sonho de adolescente de voltar estudar e ter uma outra profissão. Foi aí que eu comecei a estudar para fazer vestibular, entrei na faculdade de Medicina e me tornei médico.

**T** - Eles achavam que seria uma loucura eu não dedicar ao futebol, porque eu já era um jogador da seleção brasileira, já estava ganhando bem – não como ganham hoje os grandes jogadores, mas para época era um salário muito bom. Próximo da Copa de 66, em 65, eu estava na seleção, disputando uma Copa do Mundo. Então eu não tinha como... Não tinha como conciliar as duas. A ideia era conciliar, mas eu tinha que viajar e eu falei: “Não, como é que eu vou...? Posso até conseguir formar, cursar a faculdade, mas eu teria que faltar da aula”. Eu acho que, na minha vida toda, tudo o que eu peguei para fazer, eu peguei para valer, para fazer bem. Não dava para fazer as duas coisas. Então, eu parei de estudar, na época, e passei a me dedicar ao futebol integralmente.

**T** - Era claro isso para mim: o futebol era uma carreira curta. Só que normalmente um jogador para de jogar com, vamos colocar aí, uns trinta e cinco anos em média. Isso é interessante porque se eu parasse com trinta e cinco anos certamente eu não teria ânimo, entusiasmo para entrar em uma faculdade, estudar mais seis anos em uma faculdade, um ano de preparação para vestibular mais seis anos de faculdade. Então o fato de eu ter parado muito cedo, com vinte e seis anos, de jogar futebol – eu tive que parar por causa do problema que eu tive na vista – isso teve um lado bom porque dava tempo ainda de eu estudar, apesar de normalmente as pessoas entrarem na faculdade com dezoito anos, não é? Mas não era tão velho assim. Com vinte e seis anos eu voltei a estudar, com vinte e sete eu já estava na faculdade. Então isso eu acho que foi bom para recomeçar a minha vida.

**T** – É, não havia essa resistência dentro de casa, foi uma coisa que eu tive de pesar, eu pensava nisso. Não há dúvida que o jogador era visto como uma coisa meio marginal da sociedade, quem jogava futebol (isso diminuiu, mas até hoje ainda tem esse tipo de preconceito) era uma pessoa de nível cultural baixo, uma pessoa com pouca formação cidadão e até hoje isso ainda existe. Como o meu sonho de adolescente era estudar, então isso... Eu acho que houve até aí uma conduta, uma coisa prática, não me lembro de materializado isso, racionalizado, de ter falado: “Não, eu vou... A carreira é curta de futebol, vou jogar aí uns dez, doze, quinze anos...”. Tinha uma chance de ganhar um bom dinheiro com isso que eu não teria em outra profissão, como médico, ainda mais sendo jogador da seleção e tudo. Isso para um jogador de primeiro nível, não é? Como eu tinha chances de me tornar um jogador de primeiro nível, um jogador conhecido no Brasil todo, seria lógico que eu pensasse assim: vou fazer uma

coisa, depois eu volto. Porque o meu meio de relacionamento era um meio de um nível cultural mais alto. Os meus irmãos são intelectuais, são bancários, não tem um nível universitário, mas são pessoas que vivem em um mundo de cidadão bem diferente, não é? Eram pessoas muito bem constituídas. Eu tinha outros relacionamentos de um nível cultural melhor. Então havia essa divisão, não é?

**T - É.** Quando eu decidi jogar futebol eu tinha consciência que era uma passagem, que eu ia me dedicar a ela e que depois eu voltava a ter uma outra vida, e foi mais ou menos o que aconteceu. Agora, não foi uma coisa assim... Precisa ver os riscos, não é? Eu já estava me destacando tanto como jogador, que era uma coisa quase... Seria estranho demais se eu: “Vou largar tudo, vou entrar na faculdade para começar a estudar”. Não era uma coisa prática, seria meio maluquice se eu fizesse isso. Tanto que quando eu larguei o futebol por causa do problema na vista e entrei na faculdade, houve muita curiosidade sobre o meu comportamento porque eu larguei aquele mundo do futebol, era uma estrela do futebol e eu me afastei totalmente, não porque eu tinha raiva, que eu não gostava, apenas queria voltar ao mundo e ter uma vida como uma outra independentemente... Eu queria viver um outro mundo, uma outra vida, com a minha família, com os meus amigos. Muitas pessoas não compreenderam isso, acharam que eu tinha raiva do futebol e aí eu larguei o futebol, porque eles me chamavam para participar de coisas de futebol e eu não participava, eu estava envolvido com o meu... Tanto que teve um período nessa época que eu nem via futebol porque eu estava tão envolvido com a Medicina, eu me dediquei mesmo como médico. Tem pessoas que acham que eu fui médico de final de semana, para conseguir o diploma e tal, enganar um pouquinho ali. Eu me dediquei demais, modéstia a parte eu estudei muito, eu acho que fui um ótimo médico, estudante, fui um dos melhores alunos da faculdade. Quer dizer, eu fiquei por conta disso, então o meu mundo mudou e as pessoas não entendiam muito isso não

**T -** Quando eu estudei... Eu parei de estudar com dezesseis anos, quando fui ser jogador de futebol. Quer dizer, eu fiz o grupo, o ginásio e o científico. Quando eu terminei o científico e decidi jogar futebol, eu já tinha mais ou menos a ideia de que eu queria fazer na área de Ciências Humanas, tanto que quando eu decidi entrar na faculdade depois que eu parei de jogar, eu fiquei na dúvida se eu fazia psicologia ou medicina. Eu fiquei até a última hora com essa dúvida. Eu optei por medicina porque eu imaginei que a medicina seria uma coisa mais completa, que eu poderia entender mais da alma humana e mais do corpo. Seria uma coisa mais completa. Eu até fiquei um pouco decepcionado nisso porque a formação médica é puramente técnica, não tem nada de... Tanto que a Medicina... Depois eu fiz residência, eu era médico clínico, eu passei a me especializar... Não me tornei um especialista. Eu era professor lá da

faculdade e médico do hospital da faculdade e eu comecei a me hipertrofiar na área de psicologia médica sem fazer o curso de psicologia. Eu fiz o curso de Medicina Psicossomática, fiz Psicanálise, então eu era tido lá dentro, no meio da turma, como um médico que gostava de ouvir os pacientes e conversar sobre os problemas e tal. Então eu acho que se eu voltasse, se eu tivesse essa decisão hoje de escolher a minha profissão, eu não tenho dúvida que eu escolheria a Psicologia pelo foco mais... Apesar de eu gostar... A Medicina para mim foi uma... Quer dizer, conhecer detalhes do corpo humano, isso foi fantástico, foi como eu viajar em uma coisa fantástica, mas eu queria entender um pouco mais. Eu gostava mais da alma humana, e gosto mais, do que do funcionamento biológico das coisas.

**T** - Os jogadores vão ficando com mais prestígio e a pressão vai aumentando, e isso hoje é uma das causas... De vez enquanto você vê: “Ah, Fulano tinha tudo para ser um grande jogador e não foi”. Uma das causas é essa: incapacidade de lidar com o sucesso, com a fama, com a pressão, com tudo em volta, compromissos que passam a ter, compromissos sociais em volta disso. Desde aquela época até hoje sou tido como uma pessoa arredia, porque eu sempre me isolei de tudo isso. Como se diz, eu criei o meu mundo... Uma coisa é a profissão, vou lá jogar, hoje vou lá e escrevo, outra coisa é... Então eu sempre tive um mundo totalmente à parte que não tinha nada a ver com aquela... Então isso eu acho que foi muito bom também para eu jogar melhor. Isso me ajudou a lidar com essa pressão.

**T** - Fora de campo eu sempre fui uma pessoa mais calada, mas eu falava, não demais, mas eu falava muito, eu gostava de discutir as coisas dentro de campo. No Cruzeiro, eu e o Piazza<sup>4</sup> éramos como técnicos do time em campo porque o Piazza também tinha esse espírito de liderança, de falar muito. Piazza falava até demais, ele é desses que fala... Principalmente fora de campo, fala o tempo todo, não para de falar. Então eu e o Piazza éramos, dentro de campo, como técnicos do Cruzeiro. Eu não esqueço até hoje que o Dirceu Lopes era desses jogadores fenomenais, mas que joga com a bola, ele não era um observador do jogo, entendeu? As qualidades individuais fabulosas mais do que eu tinha, mas ele não tinha essa capacidade de ver o jogo como um conjunto. Eu lembro uma vez que eu e o Piazza... O Dirceu não fazia as coisas... Ele não ocupava uma posição, por exemplo, que precisava ocupar em termos de defesa, de marcação e tal, era o jeito dele. Aí eu lembro até hoje de um dia, eu conversando com o Piazza, falei assim: “Vamos fazer o seguinte, esquece o Dirceu e deixa ele fazer o que ele quiser porque ele joga muito. Então deixa ele ficar a vontade, nós tomamos conta do coletivo”. Então, eu e o Piazza éramos os coordenadores e o Dirceu era como um passarinho, ele fazia o que queria. E aí que era bom para o time porque ele fazia maravilha, não é?

**Bernardo Buarque.** – Tostão, pode se conjecturar que esse drama pessoal que você atravessou de alguma maneira o sensibilizou mais tarde para a própria carreira da Medicina ou seria...?

**T** – Não, eu acho que não. É interessante que quando eu comecei a estudar Medicina as pessoas sempre achavam que eu ia ser oftalmologia ou então ortopedista; ortopedista porque médico de futebol é ortopedista, ou então, a maioria achava, oftalmologista. Eu falei: “Não, esta é a última coisa que eu vou ser”. [riso]

#### V) **Gérson de Oliveira Nunes**

**Gerson Nunes.** – É, minha família toda é de Niterói e eu sou filho de parteira, eunasci em casa, portanto, de uma família de classe média, antigamente ainda tinha isso, hoje está meio complicado a classe média. Meu pai, jogador de futebol, jogou no América, meu tio, jogador de futebol também, jogou no Fluminense, e esse DNA passou né. Então eu desde menino jogando futebol no Canto do Rio.

**Sarmento.** – O fato do seu pai ser jogador de futebol facilitou algum contato?

**G. N.** – É tinha, tinha... Contato não, mas tinha influência do DNA, naturalmente. Influência sobre isso não, porque meu pai nunca se meteu, quer dizer, em pedir para isso, nunca, “quer, vai lá e faz a sua parte, não vou pedir nada”. Porque ele dizia: “nunca pediram por mim, porque que eu vou pedir por você? Se você tem alguma coisa de bom quem vai ver é quem está te chamando para jogar, os treinadores e tudo”. Mas nunca teve influência na minha participação em futebol

**G. N.** - quando eu era molequinho na praia, no campo, batia uma bola, mas ensinaré muito difícil. Você não ensina ninguém a jogar futebol, você vai aperfeiçoar o que ele já sabe. Eu, por exemplo, gostaria de ser pintor, vou fazer o que, não tenho talento nenhum para isso. É talento, é carimbado, ou você sabe, ou não sabe, está certo? Ninguém! Ninguém ensina ninguém a fazer nada, você... A verdade é essa, você nasce sabendo e vai aperfeiçoar aquilo que você sabe. Agora, você é jogador de futebol, não vai. Você vai correr, chutar bola e tal, jogar futebol é outra coisa. Você artista, não vai, você tem que ter a veia artística, talento. Não adianta, então você vai aperfeiçoar, e foi o que aconteceu comigo, e com tantos outros, naturalmente. Aí, no caso do Pelé, do Garrincha, eles pediram e abusaram do pedido.

**G. N.** - Domingos da Guia, que é praticamente a mesma geração. O meu pai jogou com o pai do Zizinho, digo essa geração aí, que o Zizinho era garoto. O jogador de futebol

era vagabundo, era um desclassificado, isso não era profissão. E nessa época não tinha “Maria chuteira” naturalmente, a “Maria chuteira” é de um tempo bom para cá, e então era complicado. Então, eu ainda peguei esse pedaço.

**G. N.** - Não era regulamentada, não tinha nada, não tinha associação, sindicato, não tinha nada, e isso veio de um tempo para cá, tanto é que nós pedimos ao governo isso, e que o governo ajudasse quando viemos a Copa do Mundo de 70. Nós sentamos com o presidente da República e discutimos isso com ele. Eu trouxe uma papelada da Argentina, que o Rattín que era presidente lá da Associação trouxe, a papelada sumiu. E nós pedimos isso ao governo, que formasse um meio, para que você pudesse pagar os profissionais sindicalizados. E que isso virasse uma profissão como outra qualquer, digna, como outra qualquer. E que nós pagássemos isso até depois da aposentadoria. Porque eu sou aposentado e pago um tanto para o sindicato, para os que vem, normalmente, está certo. E isso até hoje tem aí uma associação, não são todos sindicalizados, o que é uma vergonha. Os contratos deveriam passar pelo sindicato e não pela Federação, ou Confederação, o sindicato levaria à Federação, e os dois, a Federação, e os dois à CBF5, que é o órgão máximo daqui. Mas não é, não acontece isso, então o sindicato hoje não diz nada. Culpa de quem? Dos próprios jogadores, e principalmente dos que estão por cima, porque a maioria, eu diria até absoluta, ganha...

**G. N.** - De salário mínimo a um bom salário, agora e os principais, que ganham fortunas? Que não se preocupam com esses que estão aqui embaixo. É um outro erro, deveriam pagar a mesma coisa. Agora se esse que está, que tem um grande percentual ganhando salário mínimo, que esse pagasse menos, mas pagasse, e o que ganha mais, pagasse mais, que é até o natural. E ele iria se aposentar até com um pouco mais. Estou dizendo isso a grosso modo, mas sentar em uma mesa, como nós estamos aqui, para discutir isso, porque no meio futebolístico tem advogados, tem contadores, tem tudo isso, que podem participar perfeitamente, e recebendo pelo trabalho que vão exercer, está certo? É o que eu acho, eu sou um pouco revoltado com isso, e sobre isso.

**G. N.** - Papai... É, papai depois, quer dizer, não depois, mas durante, ele era fiscal da prefeitura. Então, mas fiscal da prefeitura, naquela época, não ganhava o suficiente. E naquela época, depois que ele parou de jogar, e até jogando, abriu os cassinos, tá certo? E ele era funcionário do Cassino Icaraí. Então, e tinha um time do...

**G. N.** - É, eu sou filho único. Não sei por quê, mas eu sou filho único [risos]. Gostaria de ter um monte de irmãos, para dividir uma série de coisas e tal, mas sou filho único. Então, o que acontece, a minha infância foi uma infância boa, não foi uma infância ruim, exatamente por causa disso, dos cassinos. Aí passei a infância estudando, e depois comecei a jogar com 13, 14 anos, o futebol já levando mais a sério, e com 17 anos...